

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**

**TOMÁS FIORE NEGREIROS**

**SOBRE ESCRITA E EXISTÊNCIA:**

Pelo cuidado colocado em palavras

**SÃO PAULO**

**2019**



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**

**TOMÁS FIORE NEGREIROS**

**SOBRE ESCRITA E EXISTÊNCIA:**

Pelo cuidado colocado em palavras

**Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Profª Drª Fabíola Freire Saraiva de Melo.**

**SÃO PAULO**

**2019**



## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, por todo o suporte (material e emocional) durante esses 5 anos de graduação. Além de todo o incentivo e a educação na minha vida como estudante e leitor.

À Profª Fabíola, pelas orientações e paciência com os meus vários pedidos de ajuda durante o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus colegas “poemeiros” de bolso, André, Bruno, Pedro, Tarsila e Tati, por nossos encontros (presenciais e virtuais), troca de experiências e contribuições no desenvolvimento desse projeto.

À Profª Ana Doll, por toda às contribuições e incentivos desde a monografia e textos no ensino médio até o TCC e discussões sobre linguagem na faculdade.

Aos meus companheiros de faculdade e de vida: André, Giuli, Jordy, Laura, Leticia, Melissa, Paulo, Renato, Vera, Victor, Victória e muitos outros que me ajudaram em tantos momentos de discussões de bar, recomendações de textos e desabafos nos momentos de maior ansiedade.

Aos meus professores da faculdade, tanto os de fenomenologia, quanto os de outras abordagens e matérias, por todo o aprendizado e conhecimento ao longo dos meus anos de graduação.

À Marisa, pelo apoio terapêutico durante esses anos de faculdade.



*Daí vem a pergunta se a narração não formaria o clima propício e a condição mais favorável de muitas curas, e mesmo se não seriam todas as doenças curáveis se apenas se deixassem flutuar para bem longe – até a foz – na correnteza da narração.*  
(Walter Benjamin)



## RESUMO

O presente trabalho buscou refletir a respeito do fenômeno da linguagem escrita, discutindo sobre suas potencialidades e possibilidades de uso em uma prática terapêutica que tome o ser-humano em sua condição existencial de abertura e cuidado com seu próprio ser. Para tanto, discutiu-se sobre a relação entre a linguagem e o ser a partir do pensamento fenomenológico-existencial, considerando as contribuições que Heidegger e Merleau-Ponty oferecem sobre a linguagem como morada do ser e sua similaridade com um gesto, possibilitando que compreendamos o mundo a partir de diferentes sentidos e significados, explicitando a importância que a linguagem poética tem para a expressão do ser do homem. O pensamento de Sartre contribuiu para a discussão à respeito da linguagem escrita, já que, para o filósofo, esta possui íntima relação com o existir humano, apontando para a noção de engajamento que, tanto escritor, quanto leitor, tem a partir daquilo que é desvelado pela palavra escrita, explicitando a relevância não só daquilo que é comunicado, mas também a forma como é expressa a mensagem. Diante de tais considerações, foi possível compreender a relevância da escrita para uma prática terapêutica que considera o ser-humano em sua condição existencial, levando em conta suas implicações em relação à noção de cuidado, tanto no sentido ôntico de “cuidado terapêutico”, quanto na dimensão ontológica do termo, remetendo-se ao existencial de cura (*Sorge*) heideggeriano. Nesse sentido, a linguagem escrita é uma possibilidade em que em que se compreende e desvela o ser; que cria e ressignifica o mundo; que evidencia nossa liberdade e engajamento em relação ao texto. Portanto podemos falar de um cuidado por via da escrita e sua importância em um processo terapêutico que busca pela verdade libertadora da narrativa que cada um é.

**Palavras-chave:** Linguagem-escrita, Fenomenologia-existencial, Cuidado, Psicologia.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>MÉTODO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO 1 - A escrita em suas diferentes perspectivas na Psicologia</b> .....	17
<b>CAPÍTULO 2 - Morada e gestualidade: considerações sobre a linguagem</b> .....	27
2.1 Habitando o dizer do silêncio.....	27
2.2 A gestualidade da palavra.....	35
2.3 A linguagem humana: gestualidade, significação e existência.....	39
<b>CAPÍTULO 3 - A escrita da linguagem e a linguagem da escrita</b> .....	43
3.1 Escrita e liberdade.....	43
3.2 Da escrita literária à escrita solitária.....	49
<b>CAPÍTULO 4 - Refletindo sobre o encontro terapêutico</b> .....	53
4.1 O existir humano como narrativa.....	53
4.2 O encontro terapêutico via <i>Poiésis</i> .....	55
4.3 <i>Sorge</i> , cuidado, <i>cura</i> , “pró-cura”.....	58
<b>CAPÍTULO 5 – Do percurso pessoal às contribuições à Psicologia</b> .....	62
5.1 Sobre minha trajetória.....	62
5.2 A escrita em sua possibilidade de cuidado terapêutico.....	64
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	69
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	72



## INTRODUÇÃO

Quando refletimos sobre psicoterapia, uma das imagens que pode nos vir à mente é a de uma pessoa deitada em um divã enquanto fala sobre si, sobre sua família, sua comunidade, suas tristezas, dificuldades, felicidades, desejos ou sonhos. A/o terapeuta estaria escutando em sua poltrona, estrategicamente posicionada, e, no meio desta maré de questionamentos, dúvidas e indagações, apresenta a tranquilidade de manter-se atenta ao discurso daquele que fala; calma e pronta para apenas dar as braçadas necessárias diante do movimento do mar.

Tal imagem com certeza não abarca todo o fenômeno da psicoterapia e nem mesmo o imaginário que as pessoas têm sobre ela. Entretanto, corrobora para que observemos como a linguagem oral tem peso nessa prática, na qual a fala tem seu lugar de máxima realização e legitimação.

Apesar disso, existem outras formas de terapia que diferem da imagem construída acima, transgredindo com a clássica “talking cure”<sup>1</sup>, conforme foi nomeada por uma paciente de Breuer (FREUD, 1996), colocando sob questionamento a primazia da palavra falada no processo de cura terapêutica. Estas práticas terapêuticas contribuem para acentuar a importância de outras formas de linguagem na psicoterapia, como a linguagem corporal, a linguagem artística, e, aquela que será o foco deste trabalho, a linguagem escrita.

Tal ampliação da noção de linguagem na psicoterapia pode ser endossada pelo exemplo do autor L.F. Barros que nos mostra, ao apresentar sua própria história de vida, como a prática terapêutica não se limita a fala: diagnosticado com psicose maníaco-depressiva, o autor escreveu sobre suas experiências e reflexões no livro “Memórias do Delírio - Confissões de um Esquizofrênico”<sup>2</sup>. Anos após essa primeira publicação, Barros divulgou outro livro expondo as correspondências entre ele e os leitores de seu primeiro livro, que passaram a lhe escrever a fim de expressar suas emoções, reflexões e outras vivências que sentiram necessidade de compartilhar com o autor.

É justamente nesta segunda obra, intitulada “Anjo Carteiro: a correspondência da psicose” (1996), que Barros expõe a importância que a escrita tomou na sua vida,

---

<sup>1</sup> “Cura de conversação” (FREUD, 1996), mas podemos compreender também como “cura pela fala”.

<sup>2</sup> Publicado em 1993.

afirmando que, em meio à tantas crises e surtos psicóticos, “[...] ajudou-me, acima de tudo, um livro. Mas não foi um livro que eu li. Curiosamente, ou talvez nem tanto, foi um livro que escrevi” (p. 29).

O depoimento do autor enfatiza, a partir da sua própria experiência, a relação entre escrita e cura na sua vida; isso é, a escrita como uma possibilidade de tratamento para o próprio escritor, já que foi ante esse processo que ele chegou a afirmar que sua recuperação se deu a partir da escrita de sua história (BARROS, 1996).

Tal dimensão da escrita, explicitada pelo depoimento do autor, pode contribuir na discussão sobre sua importância para algumas práticas psicoterapêuticas já existentes, como é o caso do *uso da escrita como ferramenta na chamada clínica da psicose*<sup>3</sup>, que, de acordo com o trabalho de Pinto e Naves (2014), busca organizar a vida subjetiva do indivíduo a partir da expressão de sua subjetividade.

Outro exemplo de proposta de psicoterapia que faz uso da escrita é a *Escrita terapêutica* (tradução do inglês de Expressive Writing), que, de acordo com Pennebaker (2004), um de seus proponentes, consiste em uma técnica que propõe ao paciente que escreva por alguns minutos sobre algum tema emocional ou evento traumático de sua escolha (geralmente de 3 a 5 dias consecutivos).

De acordo com o levantamento “Emotional and physical health benefits of expressive writing” (BAIKIE; WILHELM, 2005) , que fez uma meta-análise de diferentes estudos a respeito dos efeitos do “expressive writing paradigm”<sup>4</sup> (p.343), os resultados apresentados nas pesquisas realizadas com a técnica apontam que, a longo prazo, a técnica pode gerar melhoras significativas na saúde psíquica, física e social dos participantes.

Posso citar também o uso de *Cartas terapêuticas*, que, conforme o levantamento realizado por Paiva e Rasesa (2012), pode ser encontrado em três modalidades na clínica: o paciente que escreve para outra pessoa, para si mesmo ou para um objeto; o paciente e o terapeuta que escrevem entre si; e o terapeuta que escreve para o paciente.

Além disso, Melo (2008) também aponta para a relevância do uso de cartas em um estágio acadêmico do curso de psicologia, possibilitando uma situação de

---

<sup>3</sup> Termo utilizado por Pinto e Naves (2014).

<sup>4</sup> “Paradigma da Escrita terapêutica” (tradução livre).

aprendizagem, diálogo e compreensão dos educadores, que expressavam suas dúvidas e angústias em cartas, e os alunos do curso, que elaboravam respostas não prescritivas.

Esses breves relatos estão longe de dar conta de todas as práticas e abordagens da linguagem escrita com finalidades terapêuticas (irei discutir essas e outras práticas com maior profundidade no primeiro capítulo deste trabalho), mas contribuem para explicitar a relevância de tal temática, especialmente no que toca a íntima relação do ato da escrita e um suposto efeito terapêutico que pode ser atribuído a essa prática.

Diante do exposto, proponho uma reflexão desenvolvida no terreno da fenomenologia-existencial, tomando como premissa a impossibilidade de pensar a escrita como um ato isolado e descontextualizado; ou seja, para ter escrita há de existir um lugar para escrever, há de existir um momento onde o ato se realiza e, mais importante ainda, há de existir alguém para colocar as palavras no papel.

Dessa forma, não podemos compreender a escrita como uma ação destacada do ato da forma de ser do escritor, portanto, a escrita está intimamente relacionada com a condição existencial humana.

Sendo assim, é necessário fazer algumas considerações sobre a existência humana, a partir de autores que se baseiam na tradição fenomenológica-existencial, especialmente no pensamento heideggeriano, para possibilitar uma melhor compreensão sobre a escrita.

Quando falo sobre a condição humana, não faço menção a uma essência ou característica imutável deste ente. Muito pelo contrário, refiro-me à uma compreensão existencial humana, ao que Heidegger (2018) descreveu como um sendo que se relaciona com esse ser na compreensão.

Ainda segundo o filósofo, podemos compreender a condição ontológica do ser-humano como ente entregue à responsabilidade de questionar-se sobre o sentido do seu próprio ser<sup>5</sup>, determinando-se sempre a partir da possibilidade que cada ser-humano é.

---

<sup>5</sup> Ser é o que sempre está em jogo para o ser-humano (HEIDEGGER, 2018).

“*Ser-aí*”<sup>6</sup>, “*ser-no-mundo*” são as designações que Heidegger (2001) atribui à constituição fundamental do existir humano<sup>7</sup>, que é um existir que significa um “[...] manter aberto de um âmbito de poder apreender as significações daquilo que aparece e que se lhe fala a partir de sua clareira” (p. 33). Em outras palavras, são termos que marcam a relação indissociável entre ser-humano e seu mundo, nomeando nosso modo de existir a partir da relação essencial com a nossa abertura de sentido e do ser (SANTOS; SÁ, 2013).

De acordo com Critelli (1996), podemos compreender nosso modo de existir como “ser cuidando de ser” (p. 49), apontando a relação que mantemos com nosso ser, questionando sobre seus modos. Tal relação sempre nos coloca em situação de responder pelo sentido do nosso ser a partir das possibilidades que se desdobram em nosso horizonte existencial.

Tal horizonte existencial apenas pode ser compreendido como o campo temporal de coexistência no mundo em que os modos de ser se desdobram. Algo que Pompéia e Sapienza (2014) descreveram poeticamente como a “condição de sonhador do homem” (p.18).

Notemos que o emprego da palavra “cuidado” aqui tem um significado específico para a compreensão de Critelli, uma vez que ela se refere à noção de *Sorge*<sup>8</sup> desenvolvido por Heidegger (2018), que diz respeito à possibilidade ontológica de preocupar-se com a vida e dedicar-se a algo. Refletindo sobre esse mesmo termo, Marcello (2010), afirma que podemos compreender *Sorge* como uma pré-ocupação estrutural do ser-humano em relação ao seu próprio ser e aos demais entes.

É nessa perspectiva que, tratando-se de um ente cuja relação com seu ser é marcado por um questionamento e incompletude, Marcello (2010) afirma que o ser-humano se vê na condição de cuidar de seu trajeto existencial em constante relação com os demais seres-humanos, outros entes intra-mundanos e a rede de significações que nos vemos imersos. Em última instância, é por ser *cura*, que o ser-humano pode zelar pela integridade de seu existir (MARCELLO, 2010).

---

<sup>6</sup> Tradução do termo cunhado por Heidegger como *Da-sein*, que envolve as palavras em alemão *sein* (ser) e *da* (aí), sendo que esta última designa a temporalidade de abertura da clareira do ser onde o humano se encontra (Ibid.).

<sup>7</sup> Tal nomeação não busca representar o ser-humano como um objeto presente, mas sim expressar a possibilidade de apreensão que este ente é (Id., 2001).

<sup>8</sup> Palavra em alemão que pode ser traduzida como “cuidado” ou “cura”. No presente trabalho, tomaremos as duas traduções possíveis como sinônimos.

Essa breve consideração quanto à forma específica de ser dos humanos, descrita daqui em diante como existência, se faz necessária uma vez que tal compreensão vai nos acompanhar por toda a discussão sobre a linguagem escrita, também realizada à luz da perspectiva fenomenológica-existencial.

Frente a tal pensamento, iremos refletir sobre a linguagem (incluindo a linguagem escrita) como intrínseca à forma de ser do humano; ou seja, a escrita há de ser compreendida como um ato que diz respeito à existência humana, ao seu questionamento a respeito de seu ser e expressão desta relação fundamental. Sendo assim, faz-se necessário uma reflexão sobre a linguagem humana, uma vez que a escrita é linguagem e, certamente, sua relevância na psicoterapia tem relação direta com sua condição como tal.

Quando proponho que pensemos sobre a linguagem, busco refletir a respeito da compreensão de alguns autores que também partem do pensamento fenomenológico-existencial a respeito deste fenômeno. Quanto a esta proposta de discussão, vou me debruçar especialmente sobre as reflexões realizadas por Heidegger e Merleau-Ponty sobre o tema, a fim, de aproximarmos-nos de uma compreensão sobre a linguagem que dialogue com os questionamentos do nosso estudo.

De modo breve, busco discutir sobre a linguagem a partir daquilo que Heidegger (2001) compreendeu como dizer (*Sagen*); isso é, como aquilo que revela, que mostra, que concede o ser às coisas e cria o mundo (EFKEN; SILVA, 2014), uma vez que os significados e todos os entes são na linguagem.

O ser-humano também habita a linguagem, uma vez que seu falar é um corresponder à linguagem (HEIDEGGER, 2003a). Mais especificamente, Guimarães (2017) afirma que, para o filósofo alemão, o ser-humano mora na essência da linguagem, no vazio que permite a ele a condição de “poder-ser” e estabelecer redes de significações e sentido entre o seu ser e os demais entes.

Outro autor que incluirei na discussão sobre a linguagem é Merleau-Ponty, especialmente sobre aquilo que diz respeito à sua compreensão sobre a semelhança entre a linguagem e o gesto, existindo uma intenção significativa que nada mais é que um vazio, determinado a ser preenchido por palavras e significados (MERLEAU-PONTY, 1991b).

Diante dessa similaridade, a palavra desaparece diante de nossos olhos e nos leva ao encontro da coisa significada, tornando-se ela a coisa. Sendo assim, não

podemos mais tomar a linguagem como mera reprodução ou representação de algo, mas sim como criação de sentido (CHAUÍ, 1980), já que ao invés de traduzir o pensamento, ela é desfeita e refeita por e com ele (MERLEAU-PONTY, 1980).

Outra ideia importante de Merleau-Ponty (2002) que embasará a reflexão será a distinção entre *linguagem falada* e *linguagem falante*. Sendo esta última relevante para discutirmos a possibilidade da criação de novos sentidos a partir dos significados já existentes.

É justamente nessa dimensão da linguagem, que transcende o significado atribuído ao signo, e visa a transmissão e criação de sentido, que busco pensar a escrita em sua íntima relação com a existência.

As reflexões expostas por Sartre em seu livro “Que é a Literatura” (2015) corroboram para prosseguirmos a pensar sobre o tema proposto: suas contribuições residem na compreensão da escrita como o desvendar o mundo e propor nele à generosidade da liberdade do leitor para desvendar a mensagem levada no texto, caracterizando a literatura como um processo dialético fundamentado na liberdade.

Como consequência, a escrita também implica em um alterar daquilo que foi desvelado (SARTRE, 2015). Isso enfatiza a implicação e engajamento do escritor em relação àquilo que ele escreve e a sua postura frente o que ele revelou, evidenciando sua condição como sujeito existente que tem de tomar uma posição frente àquilo que foi escrito.

Diante de tal perspectiva, as ideias de Sartre (2015) nos ajudam a enxergar a escrita não como uma tradução de pensamentos e experiências já vividas em palavras, para colocá-las no papel. Ao contrário, o filósofo nos mostra o escrever como um ato que nos coloca diante do escrito com uma postura de agir sobre este e propor algo para o futuro, sendo impossível separar linguagem escrita da própria existência do escritor.

Tal compreensão sobre o ato de escrever faz muito mais sentido quando utilizada em uma prática clínica que se coloque diante do sujeito à sua frente (paciente, cliente,...) como existente; isso é, que, nas palavras de Débora Lázaro (2017), eleve o humano à condição de “corpo-literário” e o compreenda como uma narrativa densa, não linear e, acima de tudo, singular.

Condição essa, do ser-humano como narrativa, que é possibilitada, conforme afirma Marcello (2010), por aquilo que Heidegger explicitou como *Sorge*. É pela *cura*

que o humano pode narrar sua existência como história que se instala e atravessa o tempo rumo a finitude.

Indo um pouco além, o posicionamento de Pompéia e Sapienza (2014) sobre terapia como “[...] a procura, via *poiesis*, pela verdade que liberta para a dedicação do sentido” (p.169) acrescenta muito à nossa discussão, apontando para uma dimensão da psicoterapia que dialoga com a compreensão a respeito da existência humana que será abordada ao longo deste trabalho.

Diante de tais considerações a respeito da linguagem escrita e uma prática psicoterápica que compreenda o ser-humano em sua condição existencial como narrativa pergunto-nos: quais seriam as potencialidades e possibilidades da escrita neste processo de cuidado terapêutico? Ou seja, qual a dimensão de cura (*Sorge*) da escrita?

Pensando a íntima relação entre existência humana e linguagem, como podemos compreender a escrita (sem tomá-la como um ato independente do indivíduo que a executa) uma ação que pode repercutir em outras dimensões da existência de quem escreve, especialmente sobre aquilo que diz respeito à noção de cuidado e terapia que se mantenha condizente com tal compreensão sobre o nosso modo de ser? Será que o saber psicológico não está limitando-se ao manter a hegemonia da linguagem oral na terapia e não explorar, por exemplo, outras formas de linguagem, como a escrita?

A fim de possibilitar uma reflexão sobre tais questionamentos, o presente trabalho será organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, será realizado um levantamento a respeito de alguns dos trabalhos e práticas já consolidadas com a escrita no contexto terapêutico, explicitando a relevância que o uso da escrita tem na psicologia. O segundo capítulo visa estabelecer um diálogo entre Heidegger e Merleau-Ponty sobre a especificidade da linguagem humana. Já o terceiro capítulo abordará as especificidades da linguagem escrita e sua dimensão na existência, tomando o pensamento sartreano como base.

As considerações a respeito desta prática terapêutica, que compreende o modo de ser do humano como existência, serão expostas no quarto capítulo do trabalho. Tais considerações serão baseadas no pensamento de autores referências desta prática, como Pompéia e Sapienza, Lázaro e Boss, possibilitando que seja estabelecida a relação entre tal prática terapêutica e o conceito de *cura* heideggeriano.

Por fim, realizarei a discussão final deste trabalho no quinto capítulo, relacionando minha experiência pessoal com a escrita, minha compreensão sobre a especificidade da linguagem escrita humana, e a noção de cura (*Sorge*) apresentada por Heidegger.

## MÉTODO

Parto aqui da concepção heideggeriana de método<sup>9</sup> como “envolver-se especialmente em nossa relação com o que encontro’, em que já nos encontramos sempre” (HEIDEGGER, 2001, p. 136-137). Destarte, o que busco expressar neste capítulo é a forma como vou me relacionar com a questão deste trabalho, especificamente, a questão da linguagem escrita e sua relação com aquilo que compreendo como cuidado terapêutico.

Para tanto, parto, primeiramente, da minha experiência pessoal com o fenômeno da linguagem escrita e a importância que essa teve em minha vida, principalmente na minha adolescência até o meu atual momento de vida. É dessa vivência pessoal que inicio o meu caminho para abordar a questão que o presente trabalho busca refletir.

Tomando as devidas considerações, esta pesquisa se caracteriza como um estudo teórico, que realizará uma revisão bibliográfica sobre a temática exposta nos parágrafos anteriores. Ao descrever tal modalidade de pesquisa, Fonseca (2002) caracteriza a revisão bibliográfica como um levantamento de trabalhos teóricos e informações, já publicadas, que contribuem para responder à questão levantada. Importante ressaltar que este tipo de pesquisa não consiste em um resumo dos trabalhos já realizados, mas sim em um estudo cuja conclusão dependerá dos critérios do autor para selecionar as fontes e a análise que será realizada a partir do material utilizado.

Tomarei como base o pensamento de Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty e Jean-Paul Sartre para discutir a respeito da linguagem humana e a linguagem escrita.

A partir das reflexões propiciadas por esses autores, discutirei sobre a questão da inserção da escrita na terapia em dois momentos distintos: o primeiro consiste na demonstração da pertinência e relevância do uso da escrita em terapia, tomando como referencial o levantamento de trabalhos já consolidados que abordam tal relação a partir de diferentes abordagens terapêuticas; o segundo momento trata-se da discussão e fundamentação do uso da escrita especificamente na terapia, mais

---

<sup>9</sup> Heidegger (2001) busca o sentido originário de método do grego *meta odos*, que significaria “caminho para...”.

especificamente, discutir o que é essa prática terapêutica a partir das considerações realizadas por Débora Lázaro, João Augusto Pompéia e Bilê Tatit Sapienza, Medard Boss e outros autores.

Como critério para a seleção das publicações utilizadas neste estudo, serão utilizadas bases de dados como Scielo, PubMed e o Portal CAPES, optando por artigos que sejam relevantes para a discussão proposta do presente texto. Além disso, também serão utilizados livros, dissertações, teses e outros documentos produzidos que forneçam subsídio para pensar sobre a linguagem escrita e sua relação com a psicoterapia, inseridos na perspectiva fenomenológica-existencial.

Importante ressaltar que para esta reflexão, o relato de autores que fizeram um uso “terapêutico” da literatura (como a relação de Barros com a escrita, para citar um exemplo) serão importantes fonte de reflexão, visto que a partir destes exemplos concretos vividos, poderá ilustrar ideias que dizem respeito à dimensão existencial da escrita.

## CAPÍTULO 1

### A escrita em suas diferentes perspectivas na Psicologia

A relação e o uso da escrita como ferramenta na psicoterapia não é uma novidade proposta pelo presente trabalho. Muito pelo contrário, já foram divulgados diferentes estudos sobre práticas terapêuticas que fazem uso da linguagem escrita em diferentes contextos e em diferentes abordagens teóricas.

O presente capítulo propõe expor alguns destes trabalhos e experiências de psicoterapia envolvendo a linguagem escrita, a fim de explicitar a relevância de tal temática para a psicologia e sua prática, seja essa clínica, social, política, dentre outras áreas.

Um dos nomes remetentes a tais práticas é o da “expressive writing” (escrita terapêutica<sup>10</sup>), técnica desenvolvida por James Pennebaker e colaboradores desde a década de 80 (FIGUEIRAS; MARCELINO, 2008).

De acordo com Pennebaker (2004), a escrita terapêutica, de uma maneira ampla, consiste em um processo em que o sujeito escreve por alguns minutos sobre algum tema emocional ou evento traumático de sua escolha (geralmente de 3 a 5 dias consecutivos). Além disso, o autor (1997) salienta que “[...] diferentemente das psicoterapias, o paradigma da escrita não faz uso de feedbacks para os participantes [...]” (p. 164).

As repercussões da escrita terapêutica na vida das pessoas que fizeram uso dessa prática foi apontada no levantamento realizado por Baikie e Wilhelm (2005), no qual comparou-se diversos estudos e resultados obtidos após a utilização da escrita terapêutica e concluiu-se que, a longo prazo, houve melhoras significativas na saúde psíquica, física e social dos indivíduos que participaram no teste. Outros trabalhos (PENNEBAKER; BEAL, 1986; PENNEBAKER, 1997; BAIKIE; WILHELM, 2005; NILES *et al*, 2014) também constataram melhoras no funcionamento do sistema imunológico, sentimento de bem-estar psicológico e diminuição nas faltas ao trabalho.

---

<sup>10</sup> Embora a tradução de “expressive writing” seja “escrita expressiva”, no presente trabalho utilizarei o termo “escrita terapêutica”, empregado por Figueiras e Marcelino (2008). Uma vez que, considerando a ampla extensão do termo por eles empregados, além da questão “terapêutica” não limitar o ato de escrever à apenas uma forma de expressar traumas passados, podendo dar conta de tais eventos anteriores e de criação de narrativas futuras.

Por mais que os resultados tenham sido positivos, ainda não surgiu nenhuma teoria que explique a efetividade do “paradigma da escrita terapêutica” (PENNEBAKER, 2004). O autor enfatiza os fatores cognitivos e emocionais da escrita, porém também afirma que esse recurso, em relação aos participantes das pesquisas, “[...] toca todas as partes de suas vidas. Múltiplos processos sociais e psicológicos são acessados no dia e semanas após a intervenção escrita” (PENNEBAKER, 2004, p.140).

Como é possível observar pela breve descrição da prática da escrita terapêutica, tal paradigma manteve-se próxima a uma compreensão cognitivista sobre o ser-humano e sobre o próprio escrever, mas, como o próprio Pennebaker (2004) já ressaltou, a escrita é uma ação complexa que ainda não pode ser contemplado por uma única teoria.

Também é possível encontrar literatura sobre o uso psicoterapêutico da escrita como forma do escritor entrar em contato com o mundo e dialogar com a comunidade humana.

Em artigo sobre os efeitos da escrita como forma de expressão de um sujeito autista, Bialer (2015) reflete sobre tal perspectiva da escrita quando relata a história de Birger Sellin<sup>11</sup> e como esse autor fez uso de seus textos para expressar seu mundo interno, antes incomunicável e caótico, para organizá-lo. Dessa forma, Sellin se insere no laço social; laço esse dos significados, sentidos e linguagem compartilhada.

A análise empreendida por Bialer sobre os textos de Sellin explicita outro campo de aplicação da escrita na psicoterapia: o uso da escrita na chamada “clínica da psicose”. Tal possibilidade de uso da escrita não foi apenas abordada pelo estudo de Bialer (2015), mas também dossiê escrito por Melão (2008) sobre a importância da escrita alfabética para a subjetividade de um estudante com diagnóstico de autismo.

Em reflexão após sua experiência como Acompanhante Terapêutica (AT) de uma criança autista em uma escola particular, Melão (2008) evidenciou a importância da escrita como marca simbólica no processo de estruturação da subjetividade do estudante. Além disso, a autora também afirmou que ao tomar as letras como significantes, tal relação funciona como linguagem que inaugura a “Lei Inconsciente”,

---

<sup>11</sup> Birger Sellin é um escritor alemão diagnosticado como autista não-verbal funcional. É um dos inauguradores da escrita autobiográfica de autistas. (Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Birger\\_Sellin](https://en.wikipedia.org/wiki/Birger_Sellin)).

possibilitando que Bruno (o estudante acompanhado) “se diga” abrindo outras possibilidades para o sujeito (MELÃO, 2008, p. 115).

Outro trabalho que também pode ser citado para exemplificar o uso da escrita na clínica da psicose é a experiência descrita por Pinto e Naves (2014) de oficinas terapêuticas de escrita realizadas em um CAPS<sup>12</sup> com pacientes psicóticos.

É interessante ressaltar que foi possível estabelecer diferentes relações entre as reflexões levantadas por essa publicação e outros trabalhos já citados aqui (como o dossiê de Melão, por exemplo), uma vez que essas obras se baseiam em uma compreensão psicanalítica sobre o escrever e sobre a psicose. Nesse sentido, quando Melão (2008) afirma que a tomada das letras como significantes permite que o sujeito “se diga”, é possível relacionar com a seguinte passagem descrita por Pinto e Naves (2014) sobre uma das funções da escrita: “Ao organizar mal ou bem um texto, o sujeito estaria dando a forma a uma realidade possível e encontrando também uma forma possível de se posicionar frente a si e frente aos outros.” (p. 21).

É justamente essa organização e expressão dos conteúdos internos que Pinto e Naves relacionaram à possibilidade da pessoa expressar seu sofrimento e posicionar-se frente a si e aos outros, tornando viável a inserção no simbólico a partir da linguagem escrita e da leitura coletiva de cada texto para os demais presentes nas oficinas realizadas.

Tais funções de “reinserção social e simbólica” (Pinto e Naves, 2014, p. 21) e organização psíquica também foram bem trabalhadas por Bialer (2015) a partir da análise dos livros de Sellin, mostrando o peso que a linguagem (especialmente a escrita) possui para a sociabilização e as interações entre seres-humanos.

Todavia, importante ressaltar que tal reinserção não se dá apenas pela repetição de símbolos e significados preexistentes, mas também pela possibilidade de singularização da pessoa que escreve, que pode contar sua história e, nas palavras de Pinto e Naves (2014), “que o sujeito tenha algo a dizer” (p.22).

Essas possibilidades da escrita também foram pensadas por autores que publicaram trabalhos sobre o uso da escrita sob a perspectiva da Análise do Discurso

---

<sup>12</sup> O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) rompe com o modelo da clínica psiquiatra tradicional ao adotar o modelo de “clínica ampliada” no campo da saúde mental (Pinto e Naves, 2014). Adotando tal modelo, o CAPS configura-se como espaço de atendimento realizado por uma equipe multidisciplinar para atender e cuidar de psicóticos a partir da introdução de propostas interdisciplinares e terapêuticas que favorecem a inclusão do atendido em um convívio social e inserção na cultura (Ibid.).

(AD), colocando ênfase na construção da identidade do escritor, que se subjetiva e ocupa o lugar de autor a partir da escrita (AGUSTINI; GRIGOLETTO, 2008).

O trabalho de mestrado de Barros, “A gagueira e sua terapêutica: estudo discursivo da escrita como possibilidade de recurso terapêutico” (2004), contribui de inúmeras maneiras para nossa reflexão sobre a relação entre Análise do Discurso (AD), escrita e função terapêutica, uma vez que nos mostra as implicações deste diálogo no campo da fonoaudiologia, especificamente no uso da escrita implicado no trabalho com pessoas com gagueira. Todavia, é sua contextualização e explicação sobre os fundamentos da AD que vai nos interessar agora.

A AD foi inaugurada a partir dos anos 60 por Michel Pêcheux, a partir da proposta da compreensão da relação de sentidos (diferente dos enunciados) e acontecimentos com a língua, a história e o sujeito (BARROS, 2004). O pensamento da AD enfatiza o discurso e o simbólico a fim de romper com a visão dicotômica de ser-humano como ser biossocial, reintroduzindo no campo da linguagem o sujeito.

É a partir de uma base psicanalítica, materialista histórica e linguística que a Análise do Discurso é uma disciplina:

[...] que se preocupa em compreender, entre outros, o funcionamento da língua para a subjetivação, não tomando-a para o tratamento da sua estrutura gramatical, embora essas coisas lhe interessem, mas tratando do discurso (BARROS, 2004, p. 54).

Para falarmos sobre a importância que a AD atribui ao discurso em relação à subjetividade, temos de refletir sobre a especificidade da noção de sujeito para essa disciplina, uma vez que é ele, o sujeito, “interpelado pela ideologia, pela língua e pela história” (BARROS, 2004, p. 57). Ou seja, é o sujeito marcado pelo inconsciente e pela incompletude freudiana (não mais marcado pela onipresença da consciência) e que a ideologia burguesa (herança do pensamento Marxista) o faz acreditar, erroneamente, ser a unidade originária do que fala.

Diante de tal concepção de constituição subjetiva, Orlandi (2001, apud. BARROS, 2004) vai afirmar que o humano é assujeitado à língua na história, sendo justamente esse assujeitamento que permite que ele passe pelo processo de subjetivação: é a partir de tal processo e do esquecimento, que o indivíduo passa a acreditar que ele mesmo seja fonte dos enunciados e que o sentido seja transparente (PÊCHEUX, 1997 apud. BARROS, 2004), quando na realidade, dentro da linguagem, ele está dentro de uma rede de significações colocadas pela historicidade.

Continuando com Barros, o ser-humano é socialmente regido a optar “por uma posição-sujeito dada, condição ideológica essa ocultada por condições bio-psico-sociais” (2004, p. 58). Tal posicionamento apenas é possibilitado pela incompletude constituinte do ser-humano, que permite que novos sentidos sejam mobilizados dentro da rede de significações postas, assim como “o sentimento de identidade” (Orlandi, 2001, apud. Barros, 2004, p. 58).

É diante de tal compreensão que a escrita é vista pela Análise do Discurso como um “processo essencialmente social” (BARROS, 2004, p. 58) que é estruturante das relações sociais e permite que o sujeito, que se apropriou da linguagem escrita, ocupe determinados lugares enunciativos na sociedade que o permite dizer e articular sentidos. Nas palavras da própria autora (2004), a escrita é “um modo do sujeito se organizar no espaço” (p. 80).

Como foi bem marcado por Barros (2004), importante salientar que a relação entre sujeito e escrita, assim como a articulação de sentidos, é tomada pela AD como uma relação marcada pela alienação, já que, ao apropriar-se da linguagem escrita e ingressar no simbólico, o sujeito manipula os sentidos ilusoriamente, uma vez que a articulação dos significados e sentidos é mediada por fenômenos históricos e culturais. Em outras palavras, o indivíduo, diferentemente do que ele acredita a respeito da sua relação com a linguagem, não é origem do seu próprio dizer.

Dessa forma, a subjetividade é delineada por tal manipulação ilusória dos sentidos, mas também por um desejo do indivíduo de diferenciar-se, com o objetivo de “se posicionar nesse processo de historicidade” (BARROS, 2004, p. 59).

Partindo de tais premissas, podemos ver exemplos de autores que fizeram uso do pensamento da Análise do Discurso para refletir sobre a escrita como campo que expressa a alteridade constitutiva do sujeito e a condição de autoria (AGUSTINI; GRIGOLETTO, 2008); a construção da memória no processo de escrita, marcando diferenças entre a escrita do sujeito-adolescente e do sujeito-idoso (GRIGOLETTO; SCHONS, 2008); e as contribuições que a compreensão da AD pode fornecer à clínica, especialmente na clínica fonoaudiológica com gogos (BARROS, 2004).

Como já foi expresso anteriormente, a escrita é vista pela Análise do Discurso como um processo social, mas, além disso, também é uma relação do sujeito com a censura psíquica que o funda e uma relação com redes de memórias (AGUSTINI; GRIGOLETTO, 2008).

Tal relação entre sujeito e memória, conforme salienta Grigoletto e Schons (2008), é nitidamente diferente quando comparados os textos produzidos por sujeitos-adolescentes e por sujeitos-idosos. As autoras (2008) atribuem tais diferenças à “questão da própria idade e das condições sócio-históricas e ideológicas que cercam a vida desses sujeitos” (p. 416); ou seja, para as autoras, tanto a subjetividade, quanto à escrita, são influenciadas pela “posição-sujeito” dos autores em relação às determinações institucionais.

Indo um pouco além, Augustini e Grigoletto (2008) vão colocar a relação entre sujeito e escrita como uma relação movida por “uma forma de suplantar uma falta sempre presente e relativa à censura psíquica que funda o sujeito.” (p. 153).

É justamente a partir da escrita que o sujeito se relaciona com suas faltas e assume a posição de autor, ressignificando e criando novos sentidos diante da malha significativa histórica em que está imerso (AGUSTINI; GRIGOLETTO, 2008). Em outras palavras, a autoria textual pode ser uma forma de singularização.

Barros (2004), por outro lado, também aponta para a importância da ilusão na crença da transparência da linguagem e de ser origem do seu dizer para o seu processo de subjetivação e singularização. Em sua tese de mestrado a autora (2004) discute sobre a importância da escrita na subjetivação de um sujeito com gagueira, marcado pela não fluência e a simbolização do “erro” em sua fala, uma vez que a escrita também “traz em si um estatuto ilusório da fluência” (p. 81), possibilitando que este indivíduo se organize de outras formas no espaço e que ele ocupe novas posições na sociedade simbólica.

Conforme Barros realiza uma aproximação mais sólida entre a perspectiva da AD sobre a escrita e a clínica (fonoaudiológica ou psicoterapêutica), fica claro a influência que Foucault teve tanto no trabalho das autoras com enfoque na AD, quanto em outros trabalhos que citaremos a frente.

A obra de Foucault é vasta e complexa, mas o que nos interessa aqui é a ideia do uso da escrita como uma das práticas de cuidado de si, prática essa descrita em “Escrita de Si”, publicado em 1983.

No texto, o autor apresenta as práticas da hypomnemata<sup>13</sup> e da correspondência<sup>14</sup> como exemplos de práticas de escrita utilizadas na história greco-romana como modalidades que, nas palavras de Plutarco (apud. FOUCAULT, 2002), tem uma função etopoiética; isso é, “um operador de transformação da verdade em ethos” (2002, p. 134).

Não pretendo ir muito a fundo no vocabulário e na epistemologia foucaultiana, nem limitar a discussão aos exemplos citados por Foucault. Portanto, por hora basta compreender à ideia de que, para o pensador francês, a escrita se situa no campo das técnicas próprias ao cuidado de si, possibilitando um exercício para aprender a arte de viver, uma experiência que combina “o já dito” com “a singularidade do escritor e a circunstância” (PALOMBINI et al., 2010).

O uso do pensamento foucaultiano (especificamente no uso da escrita como prática que possibilita o exercício do cuidado de si) em trabalhos que aproximam escrita e psicoterapia não envolve uma única técnica ou campo de atuação. Fora alguns trabalhos que já foram citados anteriormente<sup>15</sup>, temos exemplos de práticas com tal temática aplicadas em oficinas de escrita entre profissionais da saúde pública (PALOMBINI et al., 2010) e a estimulação da escrita de diários por parte de adolescentes judicialmente acolhidos, a fim de desenvolver um potencial terapêutico a partir do processo de escrita (BARTHO; UYENO, 2015).

Diante deste breve levantamento, percebe-se como o estudo empreendido por Foucault sobre a escrita de si baseou estudos práticos que tomaram o uso da escrita como ferramenta que possibilita um exercício de cuidado para consigo mesmo (PALOMBINI et al., 2010). Exercício esse que, conforme citado anteriormente, pode ser considerado como um modo de subjetivação (BARTHO; UYENO, 2015).

Seguindo com a publicação de Bartho e Uyeno (2015), a especificidade de seu trabalho, realizado com a escrita de diários por parte de adolescentes judicialmente acolhidos, possibilitou algumas observações que as autoras analisaram sob uma ótica psicanalítica. De acordo com as considerações expostas pelas autoras, a escrita

---

<sup>13</sup> Cadernos pessoais de registro que eram utilizados como guias de conduta por alguns para registrar citações, fragmentos de obras, exemplos e ações que já havia sido testemunha ou lido sobre, reflexões ou debates que já havia presenciado. (Foucault, 2002) Em suma, “Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação ulterior” (Ibid., p. 135).

<sup>14</sup> Correspondência de cartas entre dois interlocutores, atuando naquele que escreve, e também naquele a recebe e lê a carta (Ibid.).

<sup>15</sup> “A escrita de si: um estudo psicanalítico sobre a clínica da psicose” (PINTO; NAVES, 2014); “A escrita de si: um estudo psicanalítico sobre a clínica da psicose” (GRIGOLETTO; SCHONS, 2008).

permitiu “[...] processos de identificações psicanalíticas, e [...], parece que ela teve função terapêutica e de suplência, possibilitando um trabalho com a linguagem e o pensamento, ou seja, um trabalho de simbolização.” (p. 60).

É interessante pensar sobre a reflexão levantada por Bartho e Uyeno em relação ao estudo realizado por Abreu (2016) sobre o livro “Diário de Anne Frank” e as implicações que a escrita do diário teve na personalidade da protagonista do livro, uma vez que os dois textos tomaram como matéria de reflexão a escrita de diários, apontando mais um caminho possível para a relação entre escrita e seu efeito terapêutico.

O trabalho de Abreu (2016) coloca em evidência como a escrita pode ser reparadora e repercutir na identidade do escritor traumatizado. Dessa forma, a escrita pode “restabelecer uma nova identidade e resgatar o senso de agente para o sujeito traumatizado” (p. 65).

Abreu atribui tais implicações à identidade, não apenas à escrita em diários especificamente, mas sim a diferentes tipos de escrita categorizados como “life writing”<sup>16</sup>, que, de acordo com a definição utilizada pela própria autora sobre a categoria, envolve gêneros de escritas que podem possuir certas semelhanças à hypomnemata e a correspondência, descritas por Foucault.

Além da escrita em diários, o uso de cartas em terapia também é uma forma de uso da escrita na psicoterapia e que possui similaridades com as correspondências trabalhadas por Foucault. Tal uso de cartas foi estudado por Paiva e Rasera (2012), que descreveram com precisão como as cartas podem ser utilizadas de diferentes formas no contexto terapêutico, podendo envolver tanto paciente quanto terapeuta.

Em seu levantamento, as autoras explicitam as diferentes modalidades do uso da escrita de cartas no contexto clínico (o paciente que escreve para outra pessoa, para si mesmo ou para um objeto; o paciente e o terapeuta que escrevem entre si; e o terapeuta que escreve para o paciente) e como esta técnica pode ser orientada por diferentes abordagens teóricas (PAIVA; RASERA, 2012), privilegiando em seu estudo uma “epistemologia narrativa”.

---

<sup>16</sup> Traduzido por De Abreu (2016) como “escrita da vida”, é um termo que “[...] remonta a escritos da mais remota tradição, pode abranger (mas não se restringe a) relatos em prosa ou em verso (auto) biográficos, ficção (auto) biográfica, ficção de trauma, escrita memorialística, diários, testemunhos, cartas, dentre outros gêneros.” (p. 63).

As pesquisadoras apontaram para a contribuição ética do uso de cartas na clínica, já que esta ferramenta reconhece a evolução do paciente a partir da narrativa criada na relação entre paciente e terapeuta (PAIVA; RASERA, 2012).

Outro relato sobre o uso de cartas em contexto psicológico foi descrito por Melo (2008) em sua tese “Cartas: uma possibilidade para o ensino do pensamento fenomenológico”, no qual a autora discute uma experiência de estágio supervisionado em Psicologia Fenomenológica. De acordo com a professora, a experiência de estágio intitulada *Correio Psicoeducativo* (MELO, 2008) tratou-se de uma proposta envolvendo a comunicação por cartas entre os pais e/ou educadores, que depositaram cartas com dúvidas sobre infância e educação em uma urna situada na Clínica-escola da instituição, e os estudantes de psicologia, que responderam tais dúvidas com cartas escritas em uma linguagem descritiva e sem julgamentos.

Conforme foi explicitado na tese, a experiência de diálogo foi um recurso rico para o ensino/aprendizado dos alunos, o que fica explícito na seguinte passagem:

Em síntese, as cartas mostraram-se como um instrumento potencializador do aprendizado da atitude fenomenológica [...]. os alunos puderam crescer muito, pois se observa nitidamente um salto no aprendizado do aluno após o estágio e isso pôde ser verificado ao cotejar as versões iniciais e finais das cartas que realizavam e nas atitudes e compromissos com o trabalho, com os colegas e com os outros que foram demonstrando em suas ações ao longo do projeto (MELO, 2008, p. 117).

As cartas de respostas caminhavam em direção a uma oferta de “[...] um espaço de diálogo e atenção, no qual os educadores puderam refletir sobre seus questionamentos e encontraram-se com seus conflitos de uma forma livre de julgamentos e baseados em uma atitude de abertura.” (MELO, 2008, p. 143), algo que se aproximou mais de uma atitude e de um pensar fenomenológico.

Por mais que os trabalhos de Paiva e Rasera (2012) e Melo (2008) apresentados sobre o uso de cartas abordem tal temática sob perspectivas diferentes, ambos afirmam que há poucos estudos (principalmente no Brasil) para embasar melhor suas conclusões e explorar outras dimensões dessa prática, mostrando-se um campo que carece de mais publicações e desenvolvimento de práticas.

Contudo, pode-se perceber que, de um modo geral, existem muitas outras modalidades referentes ao uso da escrita na psicologia e em psicoterapia, sendo que tais modalidades são muito diversas quanto ao modo que a escrita é utilizada, o contexto de sua aplicação, a perspectiva de ser humano e escrita que baseia tal uso, e outros fatores.

Com certeza, o breve levantamento realizado aqui não dá conta de todas as diferentes práticas terapêuticas que envolvem a escrita. Contudo, a retomada que foi realizada contribui para justificar a relevância do presente estudo em tentar relacionar o ato de escrever com a psicologia, mais especificamente com àquilo que tange à noção de cuidado terapêutico visada.

Procurei explicitar a relevância da escrita nas psicoterapias das mais diversas abordagens, possibilitando que seja realizada uma discussão que, a luz da literatura exposta neste capítulo, possa refletir sobre o uso da linguagem escrita em uma prática terapêutica que compreenda o ser-humano em sua condição existencial.

## CAPÍTULO 2

### **Morada e gestualidade: considerações sobre a linguagem**

Quando proponho uma reflexão sobre a dimensão da linguagem na prática terapêutica, antes de qualquer coisa, é importante atemo-nos sobre a relação envolvendo linguagem e ser humano; isso é, colocar-nos a pensar sobre o lugar privilegiado que a linguagem ocupa na existência humana.

É justamente diante desse empreendimento que questiono: onde se encontra a linguagem na relação entre o ser-humano, seu mundo e aqueles com quem ele convive? Como é possibilitada a elaboração de novas significações a partir dos significados socialmente compartilhados? Qual a relação entre linguagem, sentido e significado, e como os três se articulam com o questionamento fazemos sobre o nosso ser?

Por mais que não esteja explícito, tais questionamentos abrem mão de algumas acepções sobre a linguagem que diferem da “via” que busco seguir na reflexão sobre esse mesmo tema, a partir do pensamento fenomenológico-existencial. Uma via que abre mão de uma perspectiva dicotômica a respeito do ser-humano (corpo/psique; mundo interno/mundo externo; sujeito/objeto; ...) e não instrumentaliza a linguagem como mero conjunto de símbolos que representam o mundo.

#### 2.1 Habitando o dizer do silêncio

Martin Heidegger (1889-1976), um dos expoentes da tradição fenomenológico-existencial, tomou a linguagem como fenômeno de reflexão em diferentes momentos do seu pensamento, compreendendo-a a partir de diferentes perspectivas e enfoques (DUARTE, 2005).

No estudo que se segue vou debruçar-me especificamente sobre o pensamento do Heidegger tardio<sup>17</sup> sobre a linguagem, especificamente no que toca

---

<sup>17</sup> De acordo com Duarte (2005), a reflexão ontológica sobre a linguagem é encontrada em toda a obra de Heidegger, porém, são em suas chamadas “obras tardias” que as discussões sobre o ser da linguagem tomaram uma relevância e centralidade sem precedentes.

às ideias expostas em “A Caminho da Linguagem” (2003), publicado em 1959, e “Seminários de Zollikon” (2001), publicado em 1987.

Tal enfoque se dá por conta das importantes considerações a respeito da linguagem realizada em ambas as obras e nesse momento do pensamento do filósofo, uma vez que são considerações pertinentes para a proposta de discussão a respeito da linguagem.

O ponto que tomo como início para aproximarmos-nos do pensamento heideggeriano sobre a linguagem é uma colocação que o pensador faz em “A Caminho da Linguagem”, afirmando que “a linguagem fala como consonância do quieto” (2003a, p. 24).

Tal frase pode parecer um tanto quanto simplória à primeira vista, uma vez que alguns podem tomar como óbvia a afirmação de que a linguagem fala. Todavia, é a forma como a linguagem fala que vai contribuir para entendermos um pouco melhor o projeto de Heidegger para buscar o que ele chamou de “a essência da linguagem”<sup>18</sup>. Tal enunciado não deve ser tomado como ponto de início ou final de uma problemática, já que, conforme foi explicitado pelo próprio filósofo “[...] a linguagem da essência não é nem o título e nem a resposta para uma questão. É uma palavra-guia que deve nortear-nos num caminho.” (2003b, p. 136).

Antes de prosseguir com nossa reflexão, é importante colocar que, conforme foi explicitado por Guimarães em seu texto “A morada do ser: uma reflexão acerca da essência da linguagem a partir do pensamento de Heidegger” (2017), no pensamento heideggeriano, falar sobre a essência implica em refletir sobre o que possibilita que alguma coisa venha à tona, sobre sua gênese. Dessa forma, indagar sobre a essência da linguagem significa “[...] refletir sobre sua dimensão de gênese.” (GUIMARÃES, 2017, p. 23-24); isso é, ir em direção à dimensão onde a palavra não surgiu ainda (GUIMARÃES, 2017).

Todavia, buscar a gênese da linguagem não quer dizer buscar um conceito que dê conta de representar tal essência. É justamente sobre este ponto que Duarte (2005) nos alerta quando afirma que, sobre a essência da linguagem, apenas podemos encontrar indícios e acenos que a manifestem de maneira enigmática, e não signos e conceitos referentes a conceitos já existentes.

---

<sup>18</sup> Efken e Silva (2014) afirmam que tal empreendimento heideggeriano seria guiado pelo estudo da etimologia, que o filósofo alemão acreditava ser a forma de alcançar a essência da linguagem, por via do sentido verdadeiro no passado.

De acordo com o próprio Heidegger (2003a), o quieto, ou a “quietude” dá “suporte ao modo de ser de mundo e coisa” (p. 24).

O que isso quer dizer? Significa que, ao falar, a linguagem confere ser aos entes, que apenas são dentro daquilo que Heidegger, de acordo com Guimarães (2017), compreendeu como a gênese, a essência da linguagem, que é justamente a consonância do quieto.

Portanto, o ser é fundamentado e existe na linguagem, não havendo a possibilidade de existir qualquer ente fora da linguagem.

Efken e Silva (2014), em artigo sobre a essência da linguagem para Heidegger, discorrem exatamente sobre tal acepção a respeito da linguagem, afirmando que, tanto para Heidegger, quanto para os semanticistas da enunciação<sup>19</sup>, “o mundo só existe, porque há linguagem, não o contrário, [...] a linguagem é o fundamento das coisas, e não um instrumento que aponta para uma verdade exterior a ela.” (2014, p. 254).

Indo um pouco adiante com o pensamento de Heidegger (2003a), o humano “fala à medida que corresponde a linguagem”, ele fala à medida que escuta o chamado da quietude, emitindo sons que rompem com esse silêncio. Contudo, os homens apenas correspondem a tal chamado uma vez que “moram na fala da linguagem” (p. 26); ou seja, também pertencem ao chamado da quietude.

Pertencendo a tal chamado, o ser-humano, assim como os demais entes, tem a linguagem como possibilidade de abertura de seu ente (PITTA, 2014). É por tal motivo que, na concepção heideggeriana, é problemático o estudo da linguagem como ente, isso é, como objeto exterior, instrumentalizando-a e considerando apenas seu caráter ôntico (PITTA, 2014).

Destarte, melhor que adquirir um conhecimento sobre a linguagem, o filósofo se propõe a fazer uma experiência com a linguagem, que quer dizer, “[...] deixarmos tocar propriamente pela reivindicação da linguagem, a ela nos entregando e com ela nos harmonizando.” (HEIDEGGER, 2003b, p. 121).

Tal experiência remete justamente às estruturas existenciais do ser-humano. Conforme Heidegger (2001) afirma:

---

<sup>19</sup> Compreensão nos estudos semânticos de que o significado não existe fora da linguagem e que tudo é linguagem, bastando que mudemos uma palavra para obtermos um universo novo (EFKEN; DA SILVA, 2014)

Ser-lançado e compreensão co-pertencem mutuamente numa união cuja unidade é determinada pela linguagem. Linguagem deve ser pensada aqui como dizer [Sagen], no ente como ente, quer dizer, a linguagem se mostra como referência ao ser (p.165).

Por mais que a frase de Heidegger traga diferentes elementos e discussões, o que nos interessa aqui é, conforme foi explicitado por Lichtsztejn (2017) em seu trabalho sobre a poesia marginal e seus desdobramentos na vida da juventude periférica e suas formas de resistência, que a compreensão heideggeriana sobre o falar do humano é atravessada pelas estruturas existências referente ao projeto da hermenêutica da facticidade, desenvolvido pelo próprio filósofo em “Ser e Tempo” (2018).

Dessa forma, o falar é a “[...] manifestação do existir humano” (LICHTSZTEJN, 2017, p. 44), é a manifestação do seu ser, pertencendo à sua constituição de ser essencial e perfazendo sua abertura (HEIDEGGER, 2018).

Tal pertencimento à constituição de ser essencial do humano traz a possibilidade da fala se basear em significações e modos de ser previamente definidos pela sociedade, um falar por falar que não diz nada (LICHTSZTEJN, 2017) caracterizando o que Heidegger (2015) descreveu como *fatalório*.

Perpassado pelo modo impessoal e cotidiano de existir e lidar com seu próprio ser e com a angústia de ser um ente marcado por possibilidades e uma finitude certa, o fatalório significa “um fenômeno positivo, que constitui o modo de ser do compreender e da interpretação da presença cotidiana” (HEIDEGGER, 2015, p.231).

Sobre essa possibilidade de desenraizamento das referências originárias com o mundo, com os outros e com seu próprio ser (HEIDEGGER, 2015), Lichtsztejn (2017) vai definir o fatalório como “[...] a fala que encobre o dizer mais originário do homem, afastando-o do questionamento sobre o sentido do ser e dos entes, o que muitas vezes implica na banalidade do que se diz e do que se escreve.” (p. 41).

Em contrapartida, também podemos compreender a fala em sua essencialidade, como “abertura, original e preservada, de diversas maneiras pelo homem, daquilo que é.” (HEIDEGGER, 2001, p.165). É essa forma de relação com a linguagem que possibilita um modo próprio de fala que diz respeito àquilo que o ser possui de mais próprio (LICHTSZTEJN, 2017); possibilitando, a partir da nossa relação com a angústia inerente ao ser que somos, formas mais autênticas e singulares de significação e expressão de nossas experiências.

Sendo assim, o empreendimento tocado por Heidegger busca retomar e, acima de tudo, experienciar<sup>20</sup> a relação entre ser-humano e linguagem naquilo que ela tem de mais autêntica, especialmente naquilo que toca a articulação mais íntima da nossa presença em sua morada mais própria, que é justamente a linguagem (HEIDEGGER, 2003a).

Diante de tal projeto, o autor não concebe que o caminho trilhado se dê apenas pelo campo do pensamento, mas também pela vizinhança<sup>21</sup> deste campo com a poesia. Vizinhança que permite que a linguagem consinta sua essência, que é “[...] proximidade que aproxima é ela mesma o acontecimento apropriador em que poesia e pensamento são remetidos ao próprio de sua essência, de seu vigor.” (HEIDEGGER, 2003b, p. 153).

Ao falar sobre a vizinhança entre pensamento e poesia, Heidegger não toma a acepção racionalista positivista de “pensamento” como *Ratio*<sup>22</sup> (EFKEN; SILVA, 2014), mas sim como *pensamento meditativo*. De acordo com o filósofo “O pensamento abre sulcos no agro do ser” (EFKEN; SILVA, 2014, p. 133), o que possibilita que compreendamos que o pensamento meditativo perfaz a relação do ser para com a essência do humano, sendo no pensamento meditativo que o ser vem à linguagem, compreendida como sua casa (ABREU, 2005).

Como é possível que o pensamento perfaça tal relação?

Ora, Abreu (2005), a partir da reflexão heideggeriana, nos mostra que para pensar a linguagem de maneira meditativa devemos nos expor a um domínio estranho e não nos ater àquilo que já conhecemos, possibilitando que experienciemos o “[...] pensamento e linguagem convenientes à escuta do apelo do ser” (p. 45), que apela por via do silêncio do chamado da linguagem. Experienciando, ressignificando, criando e gerando novas significações, não limitando-nos aos significados e sentidos já pré-existentes, criando relações singulares e próprias com nosso ser.

---

<sup>20</sup> “Fazer a experiência de alguma coisa significa: a caminho, num caminho, alcançar alguma coisa. Fazer uma experiência com alguma coisa significa que, para alcançarmos o que conseguimos alcançar quando estamos a caminho, é preciso que isso nos alcance e comova, que nos venha ao encontro e nos tome, transformando-nos em sua direção.” (HEIDEGGER, 2003b, p. 137).

<sup>21</sup> “[...] pensar a vizinhança e a proximidade numa chave pós-metafísica implica dois requisitos básicos: requer não pensá-las a partir de critérios espaço-temporais, como se o próximo fosse aquele que já se encontra presente aqui e agora, a pouca distância, bem como requer o reconhecimento da alteridade do outro como condição para uma possível proximidade entre um e outro.” (ABREU, 2005, p. 153).

<sup>22</sup> Pensamento calculador e representacional (DUARTE, 2005).

Sendo assim, a poesia tem lugar de destaque nessa forma de relação e expressão do ser, de dizer aquilo que não havia sido dito e significar o novo.

A poesia, de acordo com Lichsztejn (2007), é criação e transformação, é renovação do ser, é vir a ser de sentidos encobertos, é ampliação de perspectivas, é revelação de novos modos de existir. Nas palavras da própria autora:

A forma poética de manifestação do existir tem como possibilidade a abertura de trazer à linguagem algo que nunca antes havia sido dito. Na poesia, instaura-se a palavra como a criação de algo novo, onde é possível instituir novamente o ser (p. 45).

Tal passagem explicita justamente a potência da poesia como forma de transcender às significações disponíveis para criar novas formas de expressar o vivido e, com isso, renovar e transformar a própria pessoa que é na palavra poética.

Além disso, Efken e Silva (2014) nos mostram que a interpretação do texto poético é enigmática e polissêmica, sendo que o “[...] texto poético é onde a essência da linguagem mais pode transparecer.” (p. 239). Transparece como polissêmica, e não como instrumento representativo, remetendo-se a um sentido único e inequívoco; transparece como enigmática, já que tal plurissignificação muitas vezes dificulta nossa interpretação do sentido do texto, ainda mais quando nos colocamos em nossa saga pelo sentido, guiados pela busca do *Ratio* por um sentido único (EFKEN; SILVA, 2014).

Sendo assim, a relação entre a linguagem e o ser, a linguagem essencial buscada por Heidegger, se dá justamente por tal plurissignificação enigmática atribuída à vizinhança entre pensamento e poesia (DUARTE, 2005), por esse pensamento poético-meditativo que nos coloca em contato com o nosso ser de forma mais íntima e singular. É justamente tal proximidade que possibilita o dizer, que nas palavras de Heidegger (2003b), é “mostrar, deixar aparecer, pro-piciar iluminando, encobrando, liberando” (p. 170).

Desta forma, Heidegger vai designar o ser da fala como a *saga* (DUARTE, 2005), no sentido que a linguagem é o lugar de desocultamento e ocultamento do ser, é o campo do surgimento e do desaparecimento, da luz e da sombra, do mostrar e ocultar. Conforme uma das frases emblemáticas do filósofo alemão (2003b): “Nenhuma coisa que seja onde a palavra faltar” (p. 125).

Não se trata mais de compreender, conforme apontei no início do capítulo, o lugar privilegiado que a linguagem se encontra na existência humana. Pelo contrário,

o que Heidegger nos mostra é que temos de pensar o lugar privilegiado que nós, seres-humanos, nos encontramos na linguagem.

Como já afirmado, o ser-humano apenas fala quando responde à “saga silenciosa da linguagem” (DUARTE, 2005, p. 148); isso é, a linguagem que nos fala; ou melhor, “o homem somente é humano quando recebe a reivindicação da linguagem, recomendando-se assim para a linguagem a fim de falar a linguagem.” (HEIDEGGER, 2003b, p. 153).

Todos os entes (inclusive o seres-humanos) apenas são a partir da linguagem em sua quietude, sendo que o ser-humano é aquele que apenas fala a partir da escuta da saga da linguagem (DUARTE, 2005), rompendo com o silêncio quando nomeia os entes, permitindo que eles venham à tona. Conforme elucida Guimarães (2017):

[...] da mesma forma que é somente através do homem que as coisas ganham sentido, ganham mundo, também o homem somente é homem porque é requisitado, pela “consonância do quieto” que perpassa as coisas, provocando-o a falar. Sem esta provocação, o homem não seria homem, pois, aquilo que de mais próprio lhe constitui é, justamente, a inquietação provocada por esta quietude. Esta quietude - este silêncio - é, por assim dizer, o ambiente ontológico desde onde estão entrelaçados homem e o ser de todo o ente que lhe vem ao encontro. É o ambiente de eclosão do homem, de frutificação do mundo. Eis pois, a gênese de mundo, a gênese de homem – a gênese de ser-no-mundo (p. 24).

O trecho nos mostra que humano, assim como os demais entes, habita a linguagem, ocupa um lugar privilegiado nesse habitar quando nomeia, fala e significa as coisas, caracterizando assim o seu modo de *ser-no-mundo*<sup>23</sup>. Tal nomear não se dá de uma forma racionalista, como se estivéssemos catalogando objetos a fim de dominá-los e categorizá-los; mas sim respondendo a um chamado silencioso e enigmático, que nos colocamos a conhecer, nas palavras de Guimarães (2017), de forma humilde.

De um modo geral, a compreensão do Heidegger tardio a respeito da linguagem enfatiza a linguagem não como um instrumento de nomeação, mas como “morada do ser” que fala e, ao fazer isso, mostra e coloca em evidência os entes, propiciando a aparição do ser. O ser-humano apenas fala ao responder a esse falar silencioso da linguagem, sua *saga*.

---

<sup>23</sup> “O ser-aí é um ente jogado em um mundo fático que constrói a sua dinâmica existencial a partir de uma familiaridade com esse mundo [...] ele é essencialmente um ser-no-mundo, porque encontra no mundo a sua própria morada.” (CASANOVA, 2013, p.101).

Importante notar aqui que ao falar, também compreendemos e significamos o mundo em que nos encontramos. Não como se as coisas existissem e o nome apenas classificasse os demais entes, mas justamente se relacionando e abrindo esse mundo a partir do falar, no qual ele também está imerso.

De acordo com Duarte (2005), “Os homens são aqueles que falam e que, ao falar, desocultam os entes e os trazem à presença, na medida em que escutam e correspondem à saga silenciosa da linguagem;” (p. 150).

A vizinhança entre o poético e o pensamento é explicitado pela linguagem (linguagem poética-meditativa<sup>24</sup>), pois revela a relação mais própria entre o humano e seu falar, isso é, seu ser. Tal relação é marcada por seu caráter polissêmico e enigmático, uma vez que os múltiplos significados da palavra e do ser permitem a interpretação, mas jamais possibilitando a total contemplação de um sentido uno sobre as coisas e nós mesmos.

É nessa perspectiva que podemos compreender o potencial da poesia em perfazer a relação singular entre ser-humano e seu ser, possibilitando que novos sentidos sejam desvelados e novos significados criados perante as vivências e os modos de ser únicos que o humano é. Novos significados e novos sentidos que possibilitam novas formas de se relacionar e compreender o mundo.

As considerações heideggerianas a respeito da linguagem trazem importantes contribuições para a prática psicológica e para o tema de pesquisa do presente trabalho. É a partir desse autor que podemos compreender a importância da linguagem na clínica, uma vez que, tomando nossa condição como habitantes da linguagem, a possibilidade de significar e ressignificar o vivido diz respeito ao *cuidado* com o nosso ser e, por consequência, com o nosso mundo e realidade, sustentados por significados.

Com certeza poderíamos apenas nos ater à concepção heideggeriana sobre a linguagem e esmiuçar suas implicações e desdobramentos na linguagem escrita e na prática do cuidado. Contudo, também quero trazer à tona o pensamento de outro autor que, partindo da mesma tradição do pensamento fenomenológico-existencial, amplia e faz importantes considerações para nossa discussão a respeito da linguagem.

Sendo assim, trago a figura do filósofo Maurice Merleau-Ponty, para se juntar a Heidegger nessa discussão, uma vez que o filósofo francês vai contribuir para que

---

<sup>24</sup>DUARTE, 2005, p. 143.

reflitamos a relação entre a linguagem, pensamento e corpo, além de outros temas de extrema relevância para nosso estudo.

## 2.2 A gestualidade da palavra

Merleau-Ponty (1908-1961) compreendia a linguagem e a palavra como “[...] modulação de uma maneira de existir” (Chauí, 1980, p. XI), e não como algo que estivesse separado da vida humana. Dessa forma, não é possível que a linguagem exista efetivamente fora do seu uso diário na conversação efetivado pelos sujeitos falantes (CARMO, 2011); isso é, deveria ser concebida na dimensão da existência (MERLEAU-PONTY, 2002).

Em “Sobre a fenomenologia da Linguagem” (1991b), texto publicado em 1951, Merleau-Ponty toma como ponto de partida o pensamento de Husserl sobre a linguagem para fazer suas considerações a respeito da compreensão fenomenológica da linguagem.

De acordo com o filósofo francês (1991b), a língua seria “[...] um sistema cujos elementos concorrem todos para um esforço de expressão único voltado para o presente ou para o futuro, e assim governado por uma lógica atual.” (p. 91).

Diante da afirmação acima fica explícito o caráter dinâmico da linguagem. Mas, além disso, o que também quero apontar é o valor expressivo da linguagem tomado por Merleau-Ponty, uma vez que, diferentemente da compreensão que toma o significado com pertencente a cada signo, o filósofo (1991a) entende que cada um destes elementos apenas significa sua diferença em relação ao outro.

Nessa perspectiva, a língua não é vista como soma de signos, que seriam representações de certas significações, mas sim como “ser” (MERLEAU-PONTY, 1991a, p. 43) para uma vontade de expressão total, um “meio metódico de discriminar signos uns dos outros, e de construir assim um universo de linguagem” (p. 54).

Sendo assim, a fala há de ser compreendida em seu sentido como *unidade de coexistência* (MERLEAU-PONTY, 1991a), como um todo que se abre do interior do signo. Sentido cuja relação com o signo apenas é possibilitada por uma interioridade, uma intenção significativa muda (MERLEAU-PONTY, 1991b), que reclama o significado engendrado pela diferenciação entre os elementos do conjunto.

Tal pensamento a respeito da linguagem coloca em evidência o seu empenho em relação ao sentido, que, não limitando-se ao signo ou ao significado (MERLEAU-

PONTY, 1991a), diz respeito ao conjunto que compõe a frase, sendo esse conjunto composto por palavras, vazios, silêncios e gestos<sup>25</sup> que apenas possuem significado na relação entre si. Nas próprias palavras do autor (1991a), a linguagem é “oblíqua e autônoma” (p. 45).

Em outras palavras, não são os signos por si que significam, mas sim o conjunto todo, sendo a virtude da linguagem este lançar-nos ao que o todo significa (MERLEAU-PONTY, 2002).

A passagem descrita por Prado et al. (2012), em seu trabalho sobre a importância da linguagem poética na clínica fenomenológica existencial, pode elucidar a questão sobre íntima relação entre fala, significado e sentido:

A fala é a ‘essência exterior do sentido’ que, por sua vez, está fundado na fala. (...) A fala tem uma ‘potência de significação’ que lhe é própria. A operação expressiva realiza a significação da fala, ela não a traduz. (PRADO et al., 2012, p. 219).

Conforme a afirmação elucidada, o sentido diz respeito à intenção significativa, essa potência comunicativa dos signos. Já o significado refere-se ao conjunto de signos em relação entre si, que comunicam algo.

Um exemplo utilizado pelo filósofo, em “A ciência e a experiência da expressão” (2002), que pode ser valioso é a descrição de uma situação da leitura de um livro, no qual diz que:

[...] seu triunfo [da linguagem] é apagar-se e dar-nos acesso, para além das palavras, ao próprio pensamento do autor, de tal modo que retrospectivamente acreditamos ter conversado com ele sem termos dito palavra alguma, de espírito para espírito (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 32).

Dando continuidade ao exemplo utilizado, o pensador (2002) vai afirmar que a linguagem que o leitor traz com ele, a “massa das relações de signos estabelecidos com significações disponíveis” (p.35) que compõe a herança cultural em que ele se insere e permite que o leitor compreenda o livro; isso é o que será denominado no linguajar merleau-pontyano como *linguagem falada*.

Melo (2008), a partir da compreensão de Merleau-Ponty, afirma que a *linguagem falada*, é marcada por uma relação com a linguagem que se estabelece de forma “mecânica e vazia” (MELO, 2008, p. 45), já que se relaciona com os signos a partir de uma mera repetição dos significados socialmente compartilhados.

---

<sup>25</sup> “[...] a linguagem exprime tanto pelo que está entre as palavras quanto pelas próprias palavras, tanto pelo que não diz quanto pelo que diz” (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 67).

Além dessa forma de linguagem, o filósofo também vai descrever a *linguagem falante* (MERLEAU-PONTY, 2002), ou *fala autêntica* (MELO, 2008), que é a operação pela qual os signos e significados já disponíveis “passa a alterar e depois transfigurar cada um deles, até finalmente secretar uma significação nova” (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 35). É um processo de ressignificação conjunta, envolvendo leitor e o escritor, aproximado e presente pela linguagem.

Após tal operação de transfiguração da *linguagem falante*, podemos acreditar que compreendemos o autor a partir de nosso próprio sistema de pensamento. Mas, conforme Merleau-Ponty (2002) discorre, essa é uma ilusão, já que a compreensão se dá justamente quando componho um enigma (a partir do uso que faço da linguagem e o uso que a linguagem faz da minha intenção de transmitir uma mensagem) e outra pessoa, acompanhando silenciosamente, o toma como seu e passa a dizê-lo comigo.

Ou seja, a linguagem falante não é um ato solitário, nem a compreensão de uma fala é algo que diz respeito à decifração, por parte do pensamento do ouvinte, dos signos em relação à rede de significados socialmente compartilhados.

Pelo contrário, conforme explica Prado et al. (2012), Merleau-Ponty toma a compreensão e a fala como possíveis apenas porque “[...] a fala do outro habita meu corpo, há uma reciprocidade entre minhas intenções e desejos e a fala do outro e vice e versa e, só por isso, há fala.” (PRADO et al., 2012 p. 218).

Dessa maneira, tanto a fala quanto a compreensão não se limitam a processos de uso ou decifração de significados, mas sim como atos que envolvem sentidos e a reciprocidade entre as intenções e gestos daqueles que se comunicam (PRADO et al., 2012).

Este é um ponto importante na filosofia de Merleau-Ponty, uma vez que permite que nos aproximemos da crítica empreendida pelo filósofo sobre a concepção de linguagem como um subproduto do pensamento que visa expressá-lo, como se o sentido e o significado existissem fora dela.

De acordo com Carmo (2011), pensamento e palavra são intercambiáveis, sendo que “a linguagem significa quando, em vez de copiar o pensamento, deixa-se refazer e desfazer por ele” (MERLEAU-PONTY, 1991a, p. 45). Isso quer dizer que a linguagem não é exterior ao pensamento ou sua vestimenta, sendo tanto palavra, quanto pensamento, intercambiáveis, tornando-se “pensamento falante e fala pensante” (CARMO, 2011, p. 92).

Indo um pouco além, Merleau-Ponty compreende a linguagem como uma extensão do corpo pertencente ao mundo reflexivo (CARMO, 2011), sendo a relação entre o sujeito falante e a linguagem assemelhada a um gesto (MERLEAU-PONTY, 1991b).

Não um mero gesto, mas uma modalidade de gesto que, conforme explicita Prado et al. (2012), é criador e significador do mundo, uma vez que, assim como todo gesto, possui um sentido e se dá através do corpo que o humano é e se encontra no mundo.

O filósofo francês elucida sua noção de linguagem como gesto com o exemplo de que, da mesma forma que uma mão que visa um objeto para pegar, a palavra não precisa pensar seu significado para depois ser emitida. Pelo contrário, a linguagem:

[...] não escolhe simplesmente um signo para uma significação já definida, [...] Ela tateia em torno de uma intenção de significar que não dispõe de nenhum texto para se orientar, que justamente está em via de escrevê-lo. (MERLEAU-PONTY, 2002, p.68-69).

Ora, já que a linguagem é o movimento de uma intenção significativa, pré-reflexiva, cujo significado não é unívoco ou mantém uma relação de compatibilidade com os signos individuais utilizados, será que a comunicação se daria de modo completo e totalmente compatível com a intenção significativa do sujeito falante?

A resposta de Merleau-Ponty vai justamente em sentido oposto, uma vez que o filósofo toma a expressão como um ato que nunca se dá de forma completa e absoluta, já que, conforme o próprio autor (1991b) coloca “[...] as consequências da palavra, como as da percepção [...] ultrapassam sempre as suas premissas. Nós mesmos que falamos, não sabemos necessariamente melhor o que expressamos do quem nos escuta” (p. 97).

Isso quer dizer que nossa intenção significativa nunca é completamente contemplada pelos significados presentes ou pelo sentido emanado, sentidos esses que nem mesmo o sujeito falante visava expressar anteriormente (CARMO, 2011). Nas palavras do próprio Merleau-Ponty (2002), “não se sabe o que se diz, sabe-se após ter dito” (p. 69).

O fato da expressão não ocorrer de modo completo se dá justamente pela intenção significativa se caracterizar por uma mudez, “um vazio determinado a ser preenchido por palavras” (MERLEAU-PONTY, 1991b, p. 95). Tal silêncio é para o pensador, peça fundamental para compreender a fala, uma vez que é justamente este

“fundo de silêncio” que a precede e a acompanha envolvendo o que foi dito e todas as outras possibilidades não expressas (MERLEAU-PONTY, 2002).

Nessa perspectiva, a linguagem gera sentido muito mais por sua intencionalidade e a relação entre seus elementos (palavras e não-palavras) do que o uso arbitrário de signos com significados únicos. Tendo o silêncio extrema importância na fala, uma vez que é a partir dos “fios do silêncio que com que é tramado o tecido da fala.” (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 69).

Talvez possamos pensar que é tal complexificação da noção de linguagem (como signo, gesto, silêncio, ...) uma das contribuições de Merleau-Ponty à temática deste trabalho. Mas, além disso, o filósofo permite que compreendamos a linguagem à luz de uma intenção significativa, de um sentido que, longe de ser expresso completamente pelo ato de escrever algo, explicita o modo de ser do humano. Modo de ser que não é contemplado por conceituações ou categorizações e que, assim como a linguagem, sempre vai gerando novas significações e possibilidades de compreensões.

### 2.3 A linguagem humana: gestualidade, significação e existência

Como podemos perceber, tanto Heidegger, quanto Merleau-Ponty partem da mesma tradição do pensamento para abordar, cada um à sua maneira, a linguagem e sua íntima relação com o ser e, especialmente, a existência humana.

Talvez um dos pontos nevrálgicos que aparece na intersecção entre o pensamento dos dois autores seja a questão do silêncio. É o silêncio, a mudez, o quieto, que é colocado como “essência da linguagem”<sup>26</sup> para Heidegger, e compreendido como “intenção significativa” para Merleau-Ponty, que permite que exista, a linguagem, o sentido, os homens e os demais entes.

Sendo assim, de acordo com Heidegger, a linguagem humana, sustentada e respondente ao silêncio, se dá de modo privilegiado a partir da nomeação e significação dos demais entes e caracteriza assim o modo de *ser-no-mundo* dos seres

---

<sup>26</sup> É válido colocar aqui que, por mais que os dois autores se aproximam em diferentes frentes a respeito da linguagem, Merleau-Ponty (2002) discordava do uso da etimologia para explicar os sentidos do presente a partir da história e do passado das línguas, colocando que a maioria dos sujeitos falantes ignora a etimologia.

humanos. Todavia, tanto nomeação, quanto expressão não se dá de modo unívoco ou completo: como já vimos, Merleau-Ponty atribui o significado e o sentido ao conjunto linguístico, que é sustentado e composto pelo silêncio, assim como também é composto por signos, gestos e outros elementos.

Além disso, o modo de *ser-no-mundo*, que se dá na linguagem, se aproxima mais de um gesto, já que, assim como uma mão que vai pegar algo, não é preciso representar o ente antes de nomeá-lo (o conjunto linguístico de signos some, dando lugar ao ente e o sentido intencionado). O próprio sentido é algo que vai além da linguagem, uma vez que não se trata de uma significação que depende apenas de um signo isolado, ou da intenção individual daquele que fala; a linguagem falante não se restringe a um mero sistema linguístico arbitrário, sendo impossível pensar uma forma de expressão completa e absoluta da existência humana.

Retornando a Heidegger, a linguagem evidencia a vizinhança entre o poético e o pensamento (linguagem poética-meditativa), que envolve tanto o caráter polissêmico e enigmático do falar poético, quanto o estranhamento do pensar meditativo, que responde à saga silenciosa da linguagem e perfaz a relação do ser para com a essência humana.

As considerações heideggerianas a respeito do pensamento permitem que estabeleçamos relações dessas com a compreensão de Merleau-Ponty sobre a indissociabilidade da linguagem e do pensamento, tornando-se “pensamento falante e fala pensante” (CARMO, 2011, p. 92).

De certa forma, o que Merleau-Ponty nos mostrar a partir de sua acepção é que, tanto para o pensamento calculador quanto para pensamento meditativo, linguagem e pensamento são inseparáveis. Em outras palavras, “A linguagem não só está no meio do caminho do pensamento, mas é também o seu caminho.” (NUNES, 2004, p. 278).

Nesse sentido, o pensamento meditativo e a essência da linguagem são evidenciados na crítica heideggeriana a respeito do pensamento e o uso da linguagem em meio ao nosso mundo moderno técnico-científico<sup>27</sup> (DUARTE, 2005), uma vez que apenas pela reaproximação da linguagem poética-meditativa, poderíamos retomar à

---

<sup>27</sup> “Para Heidegger, só é possível estar em casa no mundo moderno técnico-científico por meio de um pensamento e de uma linguagem do estranhamento, os quais reconheçam que nosso pensamento calculador e nossa linguagem mais familiar, cotidiana e imediatamente compreensível, a linguagem da prestação de contas, já não fazem senão consolidar o “esquecimento do esquecimento do ser”. (DUARTE, 2005, p. 145).

linguagem como nossa morada, escutando o apelo do nosso próprio ser. Contudo, se Heidegger nos mostra que a compreensão de pensamento representativo vigente não corrobora para essa reaproximação do ser com a essência do ser-humano, Merleau-Ponty fornece uma reflexão sobre a poesia que, aproximando-se da linguagem poética visada por Heidegger, coloca à percepção do humano e, por consequência, a linguagem, em consonância com o ser e a reivindicação da mudez do mundo.

Ao falar sobre a percepção do mundo, o filósofo francês reivindica tal percepção à poesia, isso é, “[...] que desperte e re-convoque por inteiro o nosso puro poder de expressar, para além das coisas já ditas ou já vistas” (MERLEAU-PONTY, 1991a, p. 53). É justamente essa possibilidade de experimentar e significar o novo por via da linguagem que revela como ela pode, de acordo com Heidegger, nos jogar e visar diferentes sentidos e significados, sendo que nenhum deles dá conta de contemplar a intenção significativa, sempre com a possibilidade de se renovar e criar novas formas de se relacionar com o mundo, os demais entes, e nós mesmos.

Desse modo, é por via da nossa relação, íntima e singular, com o ser que somos, que a linguagem poética possibilita que criemos novos sentidos e modos de ser, aproximando-se da *linguagem falante* e sua não limitação em restringir-se à uma mera reprodução de significados e signos de caráter *impróprio*. Importante compreendermos que ser na linguagem, ainda mais na linguagem poética, possibilita que nos vejamos como autores de nossos próprios textos, significações, e, por consequência, fadados a estarmos em constante questionamento quanto a nosso ser e o desvelamento do mundo.

Partindo dessa reflexão a respeito da compreensão dos dois autores sobre a linguagem, não busco aqui estabelecer um conceito único de linguagem ou uma relação fixa entre ela e o existir do humano (e seria um tanto quanto contraditório após toda nossa reflexão), mas sim possibilitar que pensemos a língua, a fala, dentro da compreensão fenomenológico-existencial de ser-humano e seu modo de ser no mundo.

É a partir deste enfoque que podemos nos questionar sobre a condição da escrita como linguagem, considerando a relação e modo como a existência humana habita a linguagem escrita. Nessa perspectiva, a escrita não apenas expressa o nosso ser e modo como habitamos o mundo, mas também possibilita o desvelamento de novas realidades e modos de ser a partir da compreensão e significação daquilo que se revela diante de nossa a partir da linguagem.

Tomando essas reflexões, pretendo que nos encontremos mais apropriados para pensar sobre a linguagem escrita no contexto clínico, especificamente no que toca à noção de cura (*Sorge*) do ser-humano com seu próprio existir. Colocando-nos a indagar sobre as repercussões, e quais as especificidades da linguagem escrita que a diferem das demais formas de linguagem, tema que será melhor desenvolvido no capítulo seguinte.

## CAPÍTULO 3

### A escrita da linguagem e a linguagem da escrita

Faço um pequeno exercício reflexivo enquanto escrevo este parágrafo, buscando pensar sobre qual seria a relação entre minha vida, o atual momento que me encontro, às questões que estou vivendo agora, os objetivos e desdobramentos deste trabalho acadêmico, a forma como meus dedos pressionam cada tecla do teclado do computador, as palavras que utilizo, os significados intencionados, o uso da tecla “backspace” para cada palavra que escrevo “errado”... Como uma vírgula a mais (ou a menos) pode mudar o sentido da minha frase? Será que a existência de um mundo depende do uso de um “s” (“esse”) ou de um “t” (este)? E se quiser utilizar um espaço a mais? Como este: . Seria um silêncio? O que um leitor não alertado entenderia por tal ausência (ou infinitude) de significados.

Busco, por via deste breve exemplo, sensibilizar o leitor quanto à complexidade do ato de escrever e sua íntima relação com a existência da pessoa que escreve. Tema percorrido por Jean-Paul Sartre (1905-1980) na obra *Que é a Literatura?* (2015).

#### 3.1 Escrita e liberdade

Filósofo, ensaísta, crítico e um dos expoentes do existencialismo francês, Sartre publicou “Que é a Literatura?” pela 1ª vez na revista *Tempos Modernos*<sup>28</sup>, entre fevereiro e julho de 1947, mas depois publicou o texto completo, com algumas alterações e comentários, em *Situações II*, em 1948.

De acordo com a dissertação de mestrado de Guimarães, “Literatura e engajamento em Sartre: um estudo de *Que é a Literatura?*” (2010), a obra foi publicada como resposta de Sartre a alguns escritores da época que contestavam o posicionamento do filósofo quanto ao seu entendimento sobre o que seria literatura engajada e sobre sua noção a respeito da arte de escrever. Por mais que o texto se

---

<sup>28</sup> “Les Temps modernes é uma revista política, literária e filosófica francesa foi a mais importante revista literária do período pós-guerra [...]. A comissão editorial, criada em 1944, era composta por Raymond Aron, Simone de Beauvoir, Michel Leiris, Maurice Merleau-Ponty, Albert Ollivier, Jean Paulhan e Sartre.” (Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Les\\_Temps\\_modernes](https://pt.wikipedia.org/wiki/Les_Temps_modernes)).

debruce sobre o questionamento a respeito da literatura e o posicionamento do escritor engajado, também traz importantes considerações quanto ao ato de escrever, principalmente sob a perspectiva existencialista e a influência da fenomenologia husserliana.

Refletir sobre a concepção sartreana a respeito da escrita e seus desdobramentos envolve passar por alguns pontos de seu pensamento sobre a linguagem (não deixando de considerar a discussão realizada no capítulo anterior). Sendo assim, temos de refletir sobre a compreensão sartreana de fala como agir, como desvendamento do mundo e da conduta de alguém, conforme explica o filósofo (2015):

Assim, ao falar, eu desvendo a situação por meu próprio projeto de mudá-la; desvendo-a a mim mesmo e aos outros, para mudá-la; atinjo-a em pleno coração, transpasso-a, fixo-a sob todos os olhares; passo a dispor dela; a cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que ultrapasso na direção do porvir. (p. 28).

É diante do que foi desvendado, daquilo que foi expresso, do engajamento no universo da linguagem e dos significados, que temos de assumir nossa responsabilidade (SARTRE, 2015); ou seja, compreender a ordem humana “tendo como referência a própria contingência da existência, e o mundo como relativo ao ser humano” (GUIMARÃES, 2010, p. 29).

Nessa perspectiva, a condição desveladora da linguagem, que se aproxima daquilo que Heidegger descreveu como a saga da fala, coloca em evidência a nossa realidade humana de ser consciência intencional, de ser “meio pelo qual as coisas se manifestam” (SARTRE, 2015, p.38). Contudo, não quer dizer que somos os produtores da coisa revelada ou essencial a ela, somos apenas, ainda segundo o autor, os “detectadores do ser”.

Diante de tal não essencialidade em relação aos demais entes e seu desvelamento, Sartre afirma que um dos principais motivos da criação artística é a necessidade de nos sentirmos essenciais em relação ao mundo.

Cabe aqui enfatizar uma distinção realizada pelo filósofo envolvendo a prosa e a poesia: ao falar sobre literatura, Sartre refere-se à prosa, e não à poesia, já que esta última se aproxima mais de outras formas de expressão artística como a pintura, a música ou a escultura.

Guimarães (2010) elucida tal distinção afirmando que a prosa trabalha com signos de caráter instrumental e, portanto, carrega significados, possibilitando que manifeste uma mensagem. A poesia também utiliza de palavras, mas não como um signo que remete a um significado, mas como uma nota musical ou um borrão de tinta em uma pintura, que são coisas criadas e não instrumentos. Em outras palavras, “as artes reproduzem coisas e não significados de coisas” (GUIMARÃES, 2010, p. 46), sendo que isso envolve a poesia também.

De acordo com Sartre (2015), o prosador faz uso da *linguagem-instrumento*, uma vez que “[...] a ambiguidade do signo implica que se possa, a seu bel-prazer, atravessá-lo como a uma vidraça, e visar através dele a coisa significada [...]” (p. 19).

Importante apontar que, por mais que Sartre tenha atribuído tal entendimento sobre a linguagem escrita exclusivamente à prosa, tal compreensão não apenas limita nossa discussão: tal noção é contraditória em relação à reflexão realizada a partir do pensamento de Merleau-Ponty e Heidegger, no qual tomamos a linguagem não como instrumento, como se o signo remetesse a um significado exterior; mas sim como morada e propiciadora do ser, sendo a própria palavra (e a falta dela) sentido e significado, desvelamento e criação, coisa e signo, liberdade e apelo. Sobre essa compreensão, não à atribuímos apenas à prosa<sup>29</sup>, mas também à linguagem poética.

Levando isso em consideração, a nossa relação com a linguagem<sup>30</sup> é compreendida por Sartre, assim como para Merleau-Ponty, como análoga a relação entre ser-humano e corpo, já que a linguagem é um prolongamento de nossos sentidos:

Estamos na linguagem como em nosso corpo; nós a sentimos espontaneamente ultrapassando-a em direção a outros fins, tal como sentimos nossas mãos e nossos pés; percebemos a linguagem quando é o outro que a emprega, assim como percebemos os membros alheios. (SARTRE, 2015, p. 27).

A palavra escrita (assim como a palavra falada) se torna arma que fere o mundo com a sua mensagem transmitida (GUIMARÃES, 2010). É uma forma de ação sobre o mundo “[...] através da reprodução de determinados signos, que esperam alguém

---

<sup>29</sup> “A prosa é tão poética e, por isso, tão rara quanto a poesia” (HEIDEGGER, 2003, p. 24).

<sup>30</sup> Sartre vai falar sobre linguagem-instrumento, como, por exemplo, a prosa. Contudo, como já foi colocado, não tomarei a linguagem como mero instrumento, nem restringirei a linguagem como apenas prosa.

que também os possa decifrar para despertarem de seu sono fenomênico.” (GUIMARÃES, 2010, p. 45).

Tal afirmação sobre a escrita nos mostra como Sartre compreende a literatura como um exercício dialético entre escritor e autor; isso é, explícita a linguagem como reveladora do *ser-para-outro*, como característica fundamental da intersubjetividade humana (GUIMARÃES, 2010), possibilitando a comunicação.

Mas por que comunicar-se por um texto escrito? Por que não fazer uso apenas da linguagem oral? Qual é a objetividade (termo que Sartre fez uso) da palavra falada? Qual sua inserção na história?

Guimarães (2010) elucida nossos questionamentos ao afirmar que, no pensamento sartreano, a escrita é um modo peculiar de interação com o mundo e de ser-para-outro, uma vez que a palavra escrita deixa de ser momentânea para ser algo histórico. Conforme o autor (2010) elucida na seguinte passagem: “Ao optar pela linguagem escrita, o literato escolheu se desprender de suas palavras, tornando-as históricas para, com isso, alcançar uma objetividade que só se torna possível através de um certo distanciamento [...]” (p. 54).

Diante dessa noção, Sartre (2015) afirma que o escritor literário nunca escreve para si, mas escreve para que alguém desvende esta “[...] subjetividade que se entrega sob forma de objetividade.” (p. 36). Objetividade essa, apenas possibilitada pela espera, pelo futuro, pela ignorância da leitura, cujo distanciamento e estranhamento em relação à obra permite a significação dos signos escritos e compreensão da mensagem, isto é, seu “desvelamento-criação” (p.55).

O escritor, pelo contrário, empreende um processo subjetivo, em que projeta, comunica e cria, nunca podendo manter uma relação de objetividade com seu texto, apenas uma relação de certa familiaridade com o escrito e o que foi desvelado.

Escrever, segundo o processo dialético da literatura, é “[...] apelar ao leitor para que este faça passar à existência objetiva o desvendamento que empreendi por meio da linguagem.” (SARTRE, 2015, p. 44).

É nesse movimento que a palavra escrita se entrega à história e alcança sua objetificação parcial<sup>31</sup> no mundo, explicitando a compreensão sartreana de literatura como um empreendimento dialético envolvendo humano (s) e história. Sendo que

---

<sup>31</sup> “É claro que esta objetividade nunca é total para o sujeito que a criou devido à familiaridade residual que permanece dentro de cada obra [...] impedindo que a alienação possa efetivar-se de fato.” (GUIMARÃES, 2010, p. 54-55).

para o filósofo francês, o verdadeiro escritor engajado tem consciência de sua função de elucidar e esclarecer a realidade e suas ambiguidades para os outros, seus leitores, assumindo seu empreendimento dentro do mundo e sua própria liberdade (GUIMARÃES, 2010).

O engajamento do escritor não se dá pela exposição e defesa de ideais políticos, mas sim por um engajamento pela própria composição literária (GUIMARÃES, 2010). Seu texto desvenda e revela aquilo que é notório, “[...] aquilo que ainda está encoberto para sua tomada de consciência, possibilitando o exercício da liberdade ao ampliar as possibilidades de escolha.” (GUIMARÃES, 2010, p. 94).

Tal posicionamento do escritor engajado é descrita por Guimarães (2010) como um projeto que deve assumir um posicionamento frente àquilo que é desvelado. O engajar-se não se trata de um valor universal, mas sim relativo, “[...] exigindo daquele que se engaja constantes revisões de si próprio, abertura e adaptabilidade para sempre estar assumindo a sua liberdade diante daquilo que a liberdade lhe exige.” (GUIMARÃES, 2010, p.99).

Retomando à definição de escrita exposta nos últimos parágrafos, coloco a questão: ao que o apelo do escritor se dirige?

Sobre tal questionamento o filósofo (2015) nos responderá com a seguinte afirmação: “[...] o escritor apela à liberdade do leitor para que esta colabore na produção de sua obra.” (p. 44).

O que podemos entender a partir desta frase é que, conforme Guimarães (2010) aponta, a obra apenas é destinada ao leitor a fim de ser concretizada no processo dialético literário. Mais que isso, temos de ter em mente que tal apelo não se faz simplesmente ao leitor, mas sim à liberdade que este é.

Liberdade contextualizada e não abstrata, marcada pela gratuidade do ato de pegar um livro na estante e lê-lo, conforme exemplo fornecido por Guimarães (2010): O leitor não tem nenhuma necessidade de abrir o livro e lê-lo, por isso que toda a “potencialidade” do texto em vir a ser obra parte do apelo à liberdade do leitor, uma vez que a única justificativa para seus atos é ele mesmo.

É nesse movimento de dirigir-se à liberdade que o leitor é, que Sartre toma a liberdade como fundamento da obra literária (e das demais expressões artísticas), e o reconhecimento da liberdade do outro como seu hiperativo. Tal reconhecimento se dá no momento em que o escritor reconhece que precisa ser “lido e compreendido” (Guimarães, 2010, p. 66), concretizando sua obra.

Ora, não há nada que garanta tal compreensão por parte do leitor, a não ser que se reconheça a existência da liberdade alheia e sua importância no empreendimento literário. É apenas a partir deste reconhecimento, e na confiança do gesto gratuito do leitor, que o escritor pode dirigir um apelo para que essa liberdade, o leitor, tome tal empreendimento como sua tarefa e a conclua. Conforme elucidado por Sartre (2015), “[...] o escritor decide apelar para a liberdade dos outros homens para que, através das implicações recíprocas de suas exigências, eles reapropriem a totalidade do ser para o homem e fechem a humanidade sobre o universo.” (p. 52).

Dessa forma, a literatura (envolvendo escrita e leitura) é um exercício de reconhecimento de liberdade<sup>32</sup> entre os humanos: a leitura reconhece a liberdade criadora do autor, enquanto este apela para a generosidade<sup>33</sup> do leitor para que ele doe sua liberdade e permita que o texto exista, desvelando os significados e o mundo ali revelado (SARTRE 2015).

O escritor apela e confia na liberdade do leitor, uma vez que não há outra forma de atingir a liberdade dos homens se não pela confiança depositada nela (SARTRE, 2015). Dirigindo-se e confiando na liberdade do leitor<sup>34</sup>, que poderão realizar o que Sartre (2015) chamou de “criação dirigida” (p. 43), o escritor também requisita que os leitores reconheçam sua liberdade, presentificada como atividade criadora.

Sendo uma ação incerta de plena confiança e aceitação da reciprocidade da liberdade dos outros, a escrita revela-se como um ato extremamente angustiante<sup>35</sup>, já que não temos controle dos significados e desvelamentos realizados pelo leitor (GUIMARÃES, 2010).

Dessa forma, podemos compreender a escrita como um modo de agir no mundo, de desvendá-lo, comunicá-lo, criá-lo, projetá-lo a fim de nos implicar e atuar sobre ele a partir de determinados signos. Mas, além disso, o escrever literário é também um apelo; um apelo à liberdade do leitor para objetificar a existência da obra e reconhecer, em um “apelo simétrico e inverso” (SARTRE, 2015, p. 48), a liberdade

---

<sup>32</sup> “Sartre ressalta que o apelo à liberdade é feito naquilo que ela tem de mais puro, e isso só pode ser a pura gratuidade de agir, do contrário, não seria liberdade.” (GUIMARÃES, 2010, p. 65).

<sup>33</sup> “[...] aquilo que o escritor pede ao leitor não é a aplicação de uma liberdade abstrata, mas a doação de toda a sua pessoa, com suas paixões, suas prevenções, suas simpatias, seu temperamento sexual, sua escala de valores.” (SARTRE, 2015, p. 47).

<sup>34</sup> Importante salientar aqui que o texto não é colocado como instrumento intermediário, mas proposto como fim para um ato livre em nome da própria liberdade do leitor (Ibid.).

<sup>35</sup> Tomo aqui o conceito de angústia apresentado por Franklin Leopoldo e Silva (apud. GUIMARÃES, 2010), como “uma espécie de medo da liberdade”, explicitando a origem da angústia na própria liberdade humana e suas possibilidades.

do escritor. Nas palavras do filósofo, escrever é uma “maneira de desejar a liberdade” (p. 58).

Tal compreensão sobre o ato de escrever possibilita que pensemos sobre a importância da linguagem na prática terapêutica, uma vez que é a partir do desvelamento empreendido que a pessoa tem de posicionar-se e engajar-se frente aquilo que foi expresso. Em outras palavras, a pessoa tem de lidar com sua própria condição de ente existente.

Mas, além disso, Sartre permite que reflitamos sobre a passagem da palavra em sua condição momentânea (fala) para sua condição histórica (escrita): tornando-se “histórica” a palavra evidencia de forma mais clara nossa condição de habitantes da linguagem, além de explicitar o modo como respondemos ao seu “chamado silencioso”. Em um contexto terapêutico, isso quer dizer que podemos compreender com mais clareza nossa condição existencial, nosso posicionamento frente àquilo que é desvelado e a nossa liberdade na realização do “como” da expressão.

### 3.2 Da escrita literária à escrita solitária

Vale aqui refletir um pouco mais sobre o entendimento de Sartre sobre o processo literário e a pertinência deste apontamento para a nossa discussão. Afinal, será que o processo terapêutico que se dá pela escrita almeja a produção de uma obra literária?

Há pessoas que escrevem no escuro, zelando para que seus textos não sejam colocados sob a luz dos olhos outros; há pessoas que escrevem na perspectiva que leiam sua história; há pessoas que restringem seus leitores apenas aqueles que ele (o escritor) julga o entenderem melhor; há pessoas que escrevem para um leitor em especial, esperando que a potência daquela leitura valha por todas aquelas outras que ela restringiu-se; há pessoas que escrevem para si, esperando encontrar-se com o escrito em outro momento da vida...

O que quero mostrar aqui é que a noção sartreana de “escrever almejando a liberdade do leitor” não é regra para todos que escrevem. Vejamos como exemplo o caso do escritor L.F. Barros (já citado na introdução deste trabalho): o autor aponta que, a princípio, sua escrita era uma forma de organização e restituição de sua

identidade (BARROS, 1993), tornando-se livro (e literatura) apenas depois. Era mais uma forma de cuidado de si do que um empreendimento literário.

No caso do escritor escrever para si mesmo, Sartre (2015) faz algumas ressalvas na seguinte passagem:

[...] seria o maior fracasso; projetar as próprias emoções no papel resultaria, quando muito, em dar-lhes um prolongamento enlanguescido. O ato criador é apenas um momento incompleto e abstrato da produção de uma obra; se o escritor existisse sozinho, poderia escrever quando quisesse, e a obra enquanto objeto jamais viria à luz: só lhe restaria abandonar a pena ou cair no desespero. (p.41).

Coloco em discussão o posicionamento sartreano porque podemos tomar as considerações sobre o processo dialético da literatura e ampliá-las para o contexto terapêutico, no qual, muitas vezes, não há um leitor ou mesmo uma vontade de “objetificar” o texto a partir da leitura de outra pessoa.

Na realidade, conforme o próprio Sartre coloca, a existência deste leitor é incerta. Tanto o escritor literário, quanto o “escritor para si”, não tem a certeza sobre a existência de alguém que queira desvelar o texto produzido.

Todavia, podemos pensar a existência deste leitor de outra forma: de acordo com a afirmação realizada pela escritora espanhola Carmen Martín Gaité<sup>36</sup>, citada no texto de Gual, “Carmen Martín Gaité: la escritura terapéutica” (2014), o escritor pode inventar seu interlocutor, isso é, seu o leitor.

Segundo a escritora, a escrita permite a quem escreve “[...] que invente com as palavras que diz, e ao mesmo golpe, os ouvidos que teriam de ouvi-las”<sup>37</sup> (MARTÍN GAITE, 1973, p. 20-21, apud. GUAL, 2014, p. 580). Tal afirmação complexifica a noção sartreana sobre a escrita, uma vez que coloca maior ênfase sobre a presença (ou ausência) do leitor como constituinte do processo da própria escrita, não se limitando ao momento da leitura no movimento dialético da literatura, uma vez que escrevo criando quem lê.

Ora, mesmo que o escritor “crie” o leitor de seu texto, Sartre compreende que a objetividade da escrita (a literatura) apenas se dá pela leitura de alguém estranho à obra.

<sup>36</sup> Escritora Salamanca cuja compreensão a respeito da escrita foi apresentada no trabalho de Gual (2014).

<sup>37</sup> “[...] que inventar con las palabras que dice, y el mismo golpe, los oídos que tendrían que oírlos” (tradução livre)

Mas será que não podemos ampliar tal concepção a respeito da literatura, não tomando apenas a relação escritor-leitor, mas também concebendo o conteúdo da própria obra?

Sobre esse ponto, recorro à Lázaro (2017), que contribui para refletirmos sobre as especificidades da obra literária e aquilo que é desvelado, ao caracterizar o espaço literário como “[...] campo promissor de vida e o perigo de suas lesões contemporâneas” (p. 30). Lesões estas que, segundo a autora, são oriundas daquilo que Jorge Coli<sup>38</sup> descreveu como a tentativa excessiva de suprir a falta de “seiva”, de “vigor” (LÁZARO, 2017), de “uma força com vontade dialógica [...] capaz de nos deslocar para um desconhecido seio selvagem e vivo” (p. 33).

O que Lázaro nos mostra aqui é que o texto apenas se torna literatura quando o escritor apela à liberdade do leitor a partir de um escrito que vibra e permite essa comunicação entre ambos, que diz respeito à universalidade das grandes questões humanas (LÁZARO, 2017), a qual ambos pertencem e experienciam.

Tal diálogo entre membros da grande comunidade humana, conforme elucidou Sartre, não é algo meramente contemplativo, já que, tanto leitor, quanto escritor, fazem parte do processo criativo. Ato criativo que é descrito por Lázaro (2017) no seguinte parágrafo:

[...] o ato de criação coloca em evidência duas dimensões da vida do homem: a possibilidade de respiração, ou seja, de existir para além das determinações do mundo (o gesto singular) e também o lugar onde o próprio combate que é a existência humana aparece. (p.63).

Como podemos ver, a literatura não diz respeito apenas à relação dialética entre escritor e leitor baseada na liberdade que ambos são. Mas, principalmente, a literatura se deve a universalidade e intensidade das questões existenciais presentes no texto que permite tal diálogo, fundamentado na liberdade daqueles que existem, que falam e são falados pela linguagem.

Realizo tais apontamentos sobre a literatura porque eles contribuem para compreendermos a escrita como um ato de desvelamento e engajamento fundamentado na liberdade e que diz respeito ao nosso modo de ser-com-outros. Dessa forma, tanto a escrita, quanto a literatura, evidenciam nossa inserção na comunidade humana, marcada pelas questões universais que tocam a todos nós.

---

<sup>38</sup> “O que é arte?” (apud. LÁZARO, 2017).

É justamente a partir da universalidade das questões existenciais (questões ontológicas) do projeto literário, que podemos pensar em uma aproximação entre a compreensão de escrita que realizamos até agora e a proposta de cuidado (*Sorge*) e a psicoterapia fenomenológica existencial.

## CAPÍTULO 4

### Refletindo sobre o encontro terapêutico

Retomo aqui a imagem construída na introdução do presente trabalho: a sala que abriga as duas pessoas, uma sentada na poltrona e outra deitada no divã. Esta fala sobre sua vida e traz questões que o tocam daquela ou desta forma; já aquela ouve cuidadosamente, faz algumas falas, mas principalmente mantém-se no silêncio escutando aquilo que o outro tem a lhe dizer.

Não entenda aqui o silêncio como indiferença. Pelo contrário, a figura sentada está tão atenta e presente naquela sala quanto a pessoa que fala, estabelecendo um diálogo entre os dois. Isso porque, como já foi discutido, o falar humano é dizer (*Sagen*), sendo que “eu também posso dizer algo sem som, silenciosamente” (HEIDEGGER, 2001, p.115), pertencendo, tanto falar, quanto ouvir, ao todo da linguagem.

O que proponho aqui é uma reflexão quanto àquilo que podemos compreender como psicoterapia, como cura (*Sorge*), como linguagem que propicia esse diálogo entre as duas figuras.

#### 4.1 O existir humano como narrativa

Antes de qualquer coisa, cabe enfatizar que busco discutir neste capítulo é justamente uma forma de terapia que se encontre em ressonância com a compreensão de ser-humano que acompanhou nossas reflexões até agora; isso é, uma compreensão de humano como ente que existe, que se questiona sobre o sentido de seu ser, que tem esse ser sempre em jogo e de responsabilidade inteiramente sua.

Sobre tal compreensão a respeito da existência, podemos tomar como norte uma prática psicoterapêutica que, nas palavras de Lázaro (2017), eleva o humano à condição de “[...] corpo-literário: uma narrativa densa, que pode ser iniciada a partir de qualquer capítulo, sem linearidade, pois, assim como nos grandes livros, não é a história o que importa, mas a singularidade do ‘como’ da narrativa.” (p. 73).

Conforme podemos observar na afirmação de Lázaro, a compreensão de psicoterapia aqui buscada é aquela que toma o humano como narrativa “[...] indefinível, inclassificável, paradoxal [...] como aquele que não cabe confortável em nenhuma estrutura” (2017, p.19-20), cuja singularidade se dá pelo modo, pelo “como”, da narrativa.

Podemos refletir sobre o termo “narrativa” a partir da compreensão de Walter Benjamin descrita em “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (2012), no qual o autor descreve o conceito como “a faculdade de intercambiar experiências” (p. 213). Tais experiências dizem respeito justamente àquilo que o narrador viveu ou lhe foi narrado, incorporando à coisa narrada ao seu ouvinte.

De acordo com o crítico alemão (2012), o narrador é “[...] um homem que sabe dar conselhos ao ouvinte”; dar conselhos no sentido de “fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está se desenrolando” (p. 216). Ao passo que verbalizo, que narro minhas experiências, que sou mais receptivo aos conselhos dos outros.

No pensamento benjaminiano, chama-se sabedoria tal possibilidade de dar conselhos a partir da vivência e experiência de vida. Ou seja, o narrador utiliza da sua existência singular, não de um suposto conhecimento teórico, para transmitir conselhos a partir de suas narrativas

É nessa compreensão que, elevando à condição de narrativa, cada pessoa e cada existência não se esgota jamais, uma vez que, segundo Benjamin (2012), o que caracteriza a narrativa é que “o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor” (p. 219). Esta característica permite que aquilo que foi narrado seja suscetível a múltiplas e inesgotáveis interpretações, sendo memorizado e assimilado mais facilmente à experiência do ouvinte, podendo ele recontar aquela narrativa algum dia.

O que busco apontar com a definição benjaminiana de narrativa, é que a narrativa humana é algo indissociável da experiência (e da existência) daquele que narra, e como o faz. Não se trata de considerar o existir humano a partir de uma representação ou conceito teórico, mas sim considerá-lo (s) a partir da experiência única e singular que cada ser-humano é.

Por conta disso, impossível tentar estabelecer explicações causais ou interpretações únicas sobre a fala do paciente. Isso porque, conforme nos mostra

Medard Boss<sup>39</sup> em “Freud e o método do pensamento científico” (1974b), quando falamos sobre a ação humana, não podemos compreendê-la como efeito de uma causa, mas sim a partir de uma motivação, de um sentido. Em outras palavras:

O motivo e a ação à qual esse sentido me provocou são determinados por uma intenção ou um dever que me são pedidos, os quais devem ser cumpridos e aos quais eu me abri e aceitei e decidi cumprir. [...] Mas essa motivação, como tal, me deixa a liberdade de decisão. (BOSS, 1974b, p. 9).

É justamente esse motivo, esse “para quê...” das nossas ações que é possibilitado pela compreensão e significação do humano a respeito do apelo de um fenômeno que lhe fala (BOSS, 1974b).

Diante de tal noção sobre a motivação das ações humanas, não cabe ao terapeuta explicá-las causalmente, mas sim compreendê-las. Isso é, manter-se em uma postura de “ter fé no que ‘é’” (LÁZARO, 2017, p. 72), descrevendo analiticamente a narrativa humana que se dá aos seus olhos.

## 4.2 O encontro terapêutico via *Poiésis*

E qual seria a forma de diálogo que propicie a descrição e compreensão da narrativa humana?

Pompéia e Sapienza (2014) respondem que a linguagem própria do diálogo entre paciente e terapeuta não é a linguagem da razão, mas sim a linguagem poética. Como já vimos nos capítulos anteriores, é justamente por via da linguagem poética, via *Poiésis*<sup>40</sup>, que podemos trazer algo à luz, desocultar algo, criar ou produzir um sentido mais amplo, nos colocar em estranhamento.

Por via da *Poiésis*, o diálogo terapêutico se encontra marcado pela compreensão, não pela explicação da linguagem do conhecimento. Isso porque a linguagem poética “busca o interlocutor em seu espaço de liberdade” (POMPÉIA; SAPIENZA, 2014, p. 158), não podendo obrigá-lo ou argumentar até que ele concorde com aquilo que trago à tona, mas apenas podendo esperar, com grande expectativa que ele o faça gratuitamente, em sua não necessidade de compreender.

---

<sup>39</sup> Psiquiatra e psicoterapeuta suíço que desenvolveu a Daseinsanalyse a partir do pensamento de Heidegger.

<sup>40</sup> Do grego, pode ser tanto traduzida como a linguagem poética, quanto compreendida como o processo de trazer algo à tona, tirá-lo do ocultamento (POMPÉIA; SAPIENZA, 2014).

Mas Pompéia e Sapienza vão além em sua definição sobre psicoterapia. Para os autores, terapia é “[...] procura, via *Poiesis*, pela verdade que liberta para a dedicação ao sentido.” (POMPÉIA; SAPIENZA, 2014, p.169).

Verdade compreendida aqui não como *Veritas*<sup>41</sup>, mas sim como *Alethéia*<sup>42</sup>. De acordo com os autores (2014), podemos entender *Alethéia* como o recordado; “re-cordar” que, em uma aproximação poética, é “aquilo em que se pode pôr de novo o coração.” (p. 161).

Em artigo intitulado “Visitando os “Seminários de Zollikon”: novos fundamentos para a psicoterapia fenomenológica” (2011), Sodelli e Sodelli-Teodoro trazem a seguinte passagem que corrobora com o nosso entendimento sobre o uso da verdade como *Alethéia* na psicoterapia:

Na terapia, o que fazemos é reencontrar a expressão do nosso modo de sentir, o re-cordado, principalmente aquelas coisas que já nos foram caras, que já foram coisas do coração, mas que perderam esse vínculo em virtude de dificuldades de comunicação tornaram-se desgastadas. Foram esquecidas, mas num esforço de procura, através da linguagem poética, podemos reencontrá-las. Quando isso acontece encontramos uma verdade. A verdade, geralmente, é diluída no tempo, no contexto, nas estruturas sociais e culturais que suportam o enunciado da verdade. (Sodelli e Sodelli-Teodoro, 2011, p. 265).

A linguagem poética é explicitada no parágrafo acima como a via para uma verdade que fora esquecida; verdade que diz respeito à forma como cada um de nós se relaciona com nosso mundo e com nós mesmos, mas fora esquecida diante do desgaste da linguagem e perante os enunciados e significações socialmente compartilhados.

Retomar esta verdade significa reencontrar o momento em que somos envolvidos por esta verdade e participamos, vivenciando-a plena e absolutamente (POMPÉIA; SAPIENZA, 2014). Significa libertar-nos do jugo do sintoma e encontrarmo-nos em uma situação de abandono, mas, ao mesmo tempo, que possibilita que caminhemos em direção a algo (aproximando-se muito a compreensão sartreana de liberdade desenvolvida no último capítulo).

---

<sup>41</sup> Palavra do latim que designa o verificável, o que pode ser comprovado (POMPÉIA; SAPIENZA, 2014).

<sup>42</sup> Palavra grega “formada por um prefixo de negação (*a*) e por um radical (*lethe*) que significa esquecimento. *Alethéia* pode ser o ‘não esquecido’.” (Ibid., p. 160).

Nas palavras dos autores, “a liberdade é condição fundamental para que possamos nos dedicar àquilo que pretendemos” (POMPÉIA; SAPIENZA, 2014, p.164).

Liberdade não como ausência de vínculos, de rumos ou de restrições. Danielle Pisani de Freitas (2011) nos mostra que, para Heidegger, a liberdade dos homens “[...] mora na abertura originária do Dasein (ser-aí), que possibilita o mundo aparecer para nós como mundo” (FREITAS, 2011, p. 68).

A abertura originária do nosso modo de ser (nossa liberdade) é o que permite que algo se revele, seja lembrada, apareça. Esse algo revelando na abertura é a verdade (*Alethéia*) que se procura na psicoterapia.

Dessa forma, Freitas (2011) nos mostra que o espaço terapêutico busca possibilitar o acolhimento e testemunha (por parte do terapeuta) da verdade do mundo do paciente. Mundo que é construído em um processo singular de fundá-lo “[...] mais atentamente, procurando a verdade que aparece (é verdade), quando é colocada em obra através da linguagem da *poiesis* - da palavra, do gesto, das artes ou do brincar” (p. 79).

Retomando a frase de Pompéia e Sapienza, “a liberdade é condição fundamental para que possamos nos dedicar àquilo que pretendemos”, indago-nos: partindo da noção de liberdade discorrida a cima, o que é “àquilo que pretendemos”? O que é isso que caminhamos em direção?

A indefinição de um substantivo nas questões acima não se deve à falta de palavras ou limitação do nosso vocabulário, mas sim por que se trata de algo que apenas diz respeito à existência de cada um e ao seu projeto de vida. É justamente isso que caracteriza o sentido de ser de cada pessoa.

Pompéia e Sapienza (2014) alertam que este sentido muitas vezes pode ser incômodo, não estando claro, também pode parecer inatingível ou às vezes se perder. Mas os autores estabelecem uma relação com os sonhos para lembrar-nos que “[...] se a pessoa compreender que, embora sonhos se acabem, a possibilidade de sonhar permanece, ela poderá restabelecer um sentido.” (p. 167).

É tal possibilidade de sonhar, de estabelecer sentido, projetos de vida que explicita a íntima relação entre verdade (*Alethéia*) e liberdade. Isso porque, acolhendo a verdade, podemos nos dedicar ao sentido (FREITAS, 2011), sendo que é a dedicação a esse sentido que permite a compreensão do ser-humano como narrativa,

articulando-se com sua temporalidade (passado-presente-futuro) e a construção (via *poiesis*) do seu mundo (FREITAS, 2011).

### 4.3 *Sorge*, cuidado, *cura*, “pró-cura”

Nas palavras de Freitas (2011), a dedicação ao sentido é “[...] *cuidar* da efetivação da própria liberdade: orientando-se pelo projeto que se excede no futuro, atuar no presente afinado e restrito, legitimando a própria história como sempre-minha” (p. 82).

Liberdade à dedicação ao sentido (FREITAS, 2011) que é *cura* (*Sorge*), que decorre da procura, “pró-cura” (POMPÉIA; SAPIENZA, 2014) que é o processo terapêutico.

Pensando essa procura pela perspectiva do terapeuta, não se trata da “cura” de um estado patológico para retomar a saúde, como se tratasse de uma máquina que não está funcionando direito. Mas sim, compreender essa *cura* em seu sentido existencial (HEIDEGGER, 2001), uma vez que o humano é “sempre já apontado para algo que se lhe mostra e, como tal, é absorvido constantemente, desde o início, sempre num relacionamento qualquer, em cada caso, com aquilo que se lhe mostra.” (p. 240).

O que a frase de Heidegger nos mostra é que *cura* deve ser compreendida como a totalidade originária do ser-humano (HEIDEGGER, 2018), dizendo respeito à nossa condição existencial de sempre nos encontrar como *ser-no-mundo* ocupando-se das coisas e cuidando dos outros (HEIDEGGER, 2001) e, portanto, em constante contato com o nosso próprio ser e abertura que somos, desvelando aquilo que nos vem de encontro.

“Quando digo: o Dasein para quem neste ser trata-se deste si mesmo, não se deve confundir o “seu ser” como subjetividade, mas é este seu ser-no-mundo do qual se trata para o ser-no-mundo.” (HEIDEGGER, 2001, p.183).

O que Heidegger nos mostra com a passagem acima é que há uma similaridade entre o cuidar do ser e relacionar-se com o mundo. Sendo que, tratando-se de um ente que existe, é impossível compreender tal relacionar-se sem o *cuidado* com o ser.

Feijoo, em artigo à respeito da clínica Daseinsanalítica (2011), contribui para que compreendamos tal relação entre cuidar do ser e relacionar-se com o mundo ao

afirmar que, ao falarmos de ser-humano, já o consideramos como um ente inserido no mundo, cujo *cuidado* com o seu ser implica nas formas de relação com os demais entes, no qual ele também se coloca diante de si mesmo e se abre para si em seu estar lançado; isso é, em sua constituição como abertura.

Sendo este *cuidado*, somos entregues às possibilidades mais próprias, encontrando-nos na condição de “estar-lançado” (FEIJOO, 2011, p. 32), de abriremos o campo existencial que é nosso, assim como a nossa possibilidade de compreender, significar e atuar no mundo que se revela em diante do nosso modo como abertura.

Marcello, no artigo “Da cura (sorge) à cura” (2010), trabalha a aproximação da ideia de cura (Sorge) no contexto terapêutico, afirmando que tal termo pode ser entendido como uma pré-ocupação estrutural do ser-humano em relação ao seu próprio ser e aos demais entes.

É nessa perspectiva que, tratando-se de um ente cuja relação com seu ser é marcado por um questionamento e incompletude, Marcello (2010) afirma que o ser-humano se vê na condição de cuidar de seu trajeto existencial em constante relação com os demais seres-humanos, outros entes intramundanos e a rede de significações que nos vemos imersos.

De acordo com o autor:

[...] o cuidado/cura (sorge) é o que abre ao homem a possibilidade de traçar uma linha que perpassa o tempo (zeit) dando movimento à própria história em conjunto ao mundo, levando ao inevitável estabelecimento da historicidade (geschichtlichkeit), história própria que se conta com independência da história fáctil da historiografia (historie), intransferível de cada qual. (MARCELLO, 2010, p. 2).

O que a frase acima nos mostra é que podemos pensar a compreensão de Lázaro do existir humano como narrativa a partir da noção de *cura*, já que é somente por podermos cuidar do nosso existir e da forma como nos relacionamos com o mundo, que podemos articular nossa história temporalmente, elevando-nos à condição de narrativa.

Em última instância, “somente por ser cuidado, o humano pode dar-se a cuidar e zelar pela integridade de sua existência.” (MARCELLO, 2010, p. 2). Relacionamo-nos compreendendo e significando, o que diz respeito às nossas próprias possibilidades e abertura de sentido que somos

Mas, ao mesmo tempo, “o homem é essencialmente necessitado de ajuda, por estar sempre em perigo de se perder, de não conseguir lidar consigo” (HEIDEGGER, 2001, p. 180).

O não conseguir lidar consigo não diz respeito a deixar de se relacionar com seu ser, mas sim de perder a liberdade e limitar nossas possibilidades de viver (HEIDEGGER, 2001). Sendo que é tal perda de liberdade e limitação de possibilidades que caracteriza o “modo de ser patológico” (HEIDEGGER, 2001).

Indo além, Santos e Sá, em “A Existência como “Cuidado”: Elaboraões Fenomenológicas sobre a Psicoterapia na Contemporaneidade” (2013), descrevem o “modo de existir adoecido” como a limitação de nos relacionar com o mundo a partir da nossa estrutura de cuidado (*Sorge*), impossibilitando que correspondamos a outros apelos de sentido, significações e liberdade para novos desvelamentos (*Alethéia*).

Dessa forma, a “pró-cura” do processo psicoterapêutico diz respeito ao reencontro, à recordação, mencionados por Sodelli e Sodelli-Teodoro (2011), daqueles modos de sentir, de relacionar, de significar, que nos foram tão caros, mas esquecidos. De reencontrar aquela abertura originária que somos e o *cuidado* que temos com os demais entes e pessoas que vem de encontro à nossa clareira.

Nesse sentido, Boss (1974a) nos mostra que a tarefa do psicoterapeuta não é outra senão:

[...] ajudar os pacientes a se desenvolverem no sentido das próprias possibilidades de sua existência. Se o homem pode desenvolver-se nesse sentido, então também pode permitir que se desenvolva tudo que lhe aparece até o seu modo mais pleno. (p. 20).

Por fim, podemos compreender que essa prática psicoterapêutica considera o humano em sua condição existencial de narrativa como um processo que busca compreender e descrever o sentido (não as causas) da ação humana, tomando a linguagem poética como base para o diálogo entre paciente e terapeuta.

A importância da linguagem poética se dá justamente pela recordação da verdade (*Alethéia*) que diz respeito ao modo que nos relacionamos e significamos o vivido, mas também à construção do nosso próprio mundo e nossa verdade referente a ele. Em outras palavras, que diz respeito à cura (*Sorge*) que temos com o mundo e os demais entes à nossa vida, e, principalmente, à nossa condição como entes existentes, sempre responsáveis pelo questionamento e sentido nosso ser.

É a possibilidade de recordarmos nossa condição de abertura, nossa condição ontológica de *cura*, que possibilita o desvelamento de novos significados e corresponder a novos apelos de sentidos que permite o cuidado ôntico para com estados de adoecimento que limitam as possibilidades mais singulares e únicas de correspondermos ao apelo do nosso ser e restringem nossa liberdade.

## CAPÍTULO 5

### Do percurso pessoal às contribuições à Psicologia

#### 5.1 Sobre minha trajetória

Pelo que consigo me recordar, iniciei meu trajeto pela escrita “espontânea” no primeiro ano do ensino médio. Mais especificamente, foi nessa época que entrei em contato com uma professora de inglês da escola que atribuo grande importância no incentivo e colaboração para que a escrita tomasse um lugar tão importante na minha vida.

No final daquele ano todos os alunos deveriam apresentar uma monografia respondendo à uma questão norteadora de escolha de cada um. Para tanto, alguns professores foram indicados para orientar aqueles trabalhos, tomando como critério para divisão de cada orientador e orientando a relação que havia entre o tema do trabalho e a área do conhecimento do orientador.

Sempre gostei muito de ler e queria discutir em minha monografia as implicações da literatura infanto-juvenil de diferentes décadas na subjetividade de seu público alvo; por conta disso, nada mais apropriado do que uma professora de inglês formada em letras como minha orientadora.

Aprendi muito com minha pesquisa e com as discussões que eu mantinha com a minha orientadora. Por conta disso, acredito que, dentro das minhas possibilidades e condições na época, fiz o que melhor poderia ter feito (já nutrindo meu interesse pela pesquisa acadêmica). Mas, ao mesmo tempo, queria escrever mais, não necessariamente textos acadêmicos, mas também desenvolver minha escrita criativa.

Com o fim do projeto, perguntei à minha orientadora se ela poderia ler algum texto criativo meu e comenta-lo depois, o que ela aceitou; inaugurando uma correspondência no qual eu escrevia um texto, ela os lia e depois conversávamos sobre o escrito.

Já havia escrito algumas coisas antes quando solicitado por alguma aula ou quando queria experimentar colocar alguns pensamentos no papel, mas, ao meu ver, foi esse episódio que marcou o início da minha relação com a escrita criativa.

Passei a escrever poemas, crônicas, narrativas e descrições. Todos os textos preenchiam um caderno preto de capa dura (hoje guardado com muito apreço em meu armário). Mas não bastava escrevê-los, queria que eles fossem lidos e comentados, como se alguém comentasse a minha própria vida e experiências; daí a importância da figura da já citada professora.

Textos e conversas depois, já me sentia mais confiante para utilizar minha escrita em outros contextos: escrevi músicas, cartas apaixonadas, trabalhos para a escola, mas, principalmente, a escrita se tornou um lugar em que eu frequentava e conseguia expressar aquilo que eu sentia e vivia de forma mais completa, e singular, possível. Os leitores também aumentaram e se diversificaram, expressando a importância e confiança que eu sentia pela minha escrita.

Logo percebi que outras pessoas compartilhavam o mesmo gosto pela escrita e, assim como eu, mantinham o fluxo de textos e comentários com aquela mesma professora que havia orientado minha monografia. Foi dessa maneira, a partir do interesse comum pela escrita, que nasceu o grupo carinhosamente nomeado de “Poema de Bolso”<sup>43</sup>, grupo o qual eu participava com esses colegas de ensino médio e nossa professora de inglês (não mais apenas como leitora, mas escritora também).

Era assim, cada qual trazido por seus próprios pés, história de vida e, principalmente, pelo interesse pela escrita, que nos encontrávamos sazonalmente na Casa das Rosas, ou em algum café nas proximidades, para apresentarmos nossas produções (geralmente criadas a partir de alguma proposta comum) ou discutir sobre aquilo que chamávamos de escrita.

Com o tempo e, principalmente, com o fim do ensino médio e o surgimento de outras prioridades referentes ao mundo fora da escola, o grupo foi perdendo forças e nossos encontros tornando-se cada vez mais raros, até que o que sobrou foram alguns cafés anuais, um grupo de WhatsApp e cadernos cheios de narrativas e memórias.

Durante os anos cursando psicologia, minha produção escrita limitou-se a dezenas de relatórios e trabalhos acadêmicos: um poema ou outro, fruto da espontaneidade, surgiam nas horas de maior angústia e ansiedade, quando nem

---

<sup>43</sup> O nome do grupo surgiu a partir do hábito dessa professora de inglês de colocar papéis com pequenos poemas, ou trechos de poemas mais longos, no bolso de alguns alunos, para que eles pudessem ler em situações cotidianas, no ônibus, na espera de algum compromisso, ou na fila de algum estabelecimento.

pensamento nem sessões de terapia bastavam naquelas horas de aperto. Mas sabia que, de alguma forma, a escrita era um certo “refúgio” e forma de me conectar comigo mesmo e aquilo pelo que eu estava passando.

Parte daí, da minha própria e singular experiência com a escrita durante meus anos de ensino médio e faculdade, esse súbito interesse de pesquisa que teve seu germe naquela monografia agora tão distante, e que atualmente se apresenta como o projeto de TCC que toma forma nestas linhas.

Escrevo aqui e reflito justamente à luz da minha vivência com a escrita; à luz de toda possibilidade de escrever aquilo que não era verbalizado, de criar aquilo que não havia criado; de experienciar o que significa muito para mim. É deste lugar que parto no caminho que segui ao longo deste trabalho.

## 5.2 A escrita em sua possibilidade de cuidado terapêutico

Tomo como ponto de partida minha própria experiência com a escrita, imersa em todas as discussões e reflexões realizadas ao longo deste trabalho, a fim de pensar a potencialidade da linguagem escrita em um contexto terapêutico, especialmente sobre aquilo que toca a noção de cuidado discutida.

De fato, a escrita é linguagem, é uma forma de expressão daquilo que nos acomete e experienciamos, é a possibilidade de expressão do ser que somos. Tratando-se de um ente que é *ser-no-mundo*, a expressão do ser que somos não diz respeito à explicitação de conteúdos internos referentes a um “sujeito”; mas sim à possibilidade de compreensão e desvelamento do mundo que nos encontramos juntos, possibilidade essa que diz respeito à nossa condição como abertura.

Pensando nessa perspectiva, quando afirmo que a escrita permitia (e ainda permite) que eu expressasse minhas experiências de uma forma mais “completa e singular”, não deixo de pensar que tal possibilidade pode condizer com a experiência com a escrita de outras pessoas. Isso porque a escrita, em sua condição de desvelamento do ser a partir da abertura originária que é o ser-humano, é uma forma de expressar quem somos, falar de nós mesmos, seja isso de forma direta (um texto de apresentação, por exemplo) ou de forma indireta (uma narrativa ficcional com personagens fantásticas).

Expressar o ser que sou não significa que me caracterizo apenas a partir da mensagem expressa no texto escrito. Isso seria no mínimo contraditório após a discussão que foi empreendida a partir do pensamento de Merleau-Ponty sobre a linguagem: há uma intenção significativa no texto, intenciono expressar algo, como uma mão que realiza um gesto... mas aquilo que vem a tona pelo texto está longe de dar conta do meu ser, sendo impossível pensar em um esgotamento completo da significação e do sentido que somos.

Dessa forma, a escrita, em sua condição como linguagem, é o fundamento do ser em geral e possibilidade de expressão do ser que nós, seres-humanos, somos. Ser que é marcado pela condição de ser cura (*Sorge*), de ser a abertura que nos mantém em constantemente relação no (e com) o mundo. Mundo este, criado, compreendido e significado a partir da linguagem.

Descrevo a escrita como “refúgio” não para caracterizá-la como uma forma de escapar à realidade, como se fosse possível deixar me relacionar com o mundo que estou inserido. Pelo contrário, o que a escrita, e a linguagem em geral, possibilita é um desvelamento de novas formas de se relacionar e engajar-se com aquilo que vem à tona em nossa abertura originária, correspondendo à novos apelos de sentido e novas significações, sendo justamente as significações que baseiam a nossa realidade.

Sendo assim, a linguagem não se dá apenas de forma *falada*, a partir dos signos e significados que compartilhamos socialmente, nem como *falatório*, aquele dizer que não fala nada: ela também pode ser *linguagem falante*, ela cria significados e, por consequência, realidades e verdades (*Alethéia*) a partir de seus signos, gestos, silêncios e sentidos.

A linguagem poética tem lugar privilegiado nesse movimento de não se restringir aquilo que é socialmente significado, uma vez que, sua linguagem constrói mundos e significações. É justamente nessa construção que vemos nossa condição como abertura e “encarregados do nosso ser” a partir da possibilidade de tratarmos da linguagem como algo que diz respeito à nossa existência. Como já mencionei nos capítulos anteriores, não se trata de enxergar a linguagem como um instrumento “externo” a existência, mas sim como a habitação desta, impensável a nossa vida fora da linguagem.

Pensemos o caso do neologismo por exemplo: o uso de neologismo não apenas cria uma nova palavra, cria uma nova realidade, uma nova maneira de ser.

Mesmo não conhecendo aquela nova palavra, é o sentido expressivo de seu uso que lhe garante significado e, por consequência, uma nova realidade e verdade que se desvela na abertura do escritor e do leitor. É justamente tal forma de criar e se relacionar com novos significados que explicita a nossa liberdade de ser e relacionar-se com nosso mundo.

Bom, mas e a escrita? Discorri até agora sobre as potencialidades de cuidado a partir da linguagem (às quais a escrita está inserida também), mas não falei sobre suas particularidades...

A escrita é criação em uma das suas formas mais explícitas, colocando na materialidade aquilo que, muitas vezes, a leveza das palavras não sustenta. É, conforme Sartre coloca, a “subjetividade que se entrega sob forma de objetividade”<sup>44</sup>, desvelando a própria linguagem, a própria palavra, sob nossos olhos.

Mesmo a significação pode ter uma outra dinâmica a partir da escrita: quando falo algo, expesso as palavras visando um sentido, buscando transmitir uma mensagem que muitas vezes se dá, mas as palavras, leves, se esvaem; o mesmo ocorre na escrita, mas a palavra tem um peso maior para o escritor, uma vez que ele escreve um texto visando expressar algo, mas se questiona sobre qual seria a forma mais contundente e apropriada de se escrever aquilo.

Obviamente, não se trata de fazer generalizações e estabelecer distinções intransponíveis entre linguagem falada e linguagem escrita. Tanto a primeira quanto a segunda interagem com a outra de uma forma indissociável e nebulosa.

Mas, ao mesmo tempo, me recordo da preocupação que tinha com os adjetivos utilizados, com a forma como descreveria determinada situação. Coisa que não sei se seria tão rigoroso caso um amigo me pedisse para descrever o mesmo evento em um diálogo corriqueiro. Ainda assim, também não seria a mesma coisa caso eu estudasse um capítulo sobre adjetivos em um livro de gramática. Naquela situação, o que estava em jogo era a minha relação com os adjetivos utilizados, minha intenção expressar certo evento de uma forma específica e o meu próprio ser escritor daquele texto que se dava a partir da linguagem.

---

<sup>44</sup> As categorias de “objetividade” e “subjetividade” são duramente questionadas pela metodologia fenomenológica, uma vez que partem da tradição cartesiana que concebe a dicotomia entre sujeito e objeto. Todavia, faço uso da passagem de Sartre mais por uma questão ilustrativa da especificidade da escrita.

Deparando-me com a minha escrita, com os significados, com a mensagem que busco expressar, o jogo de palavras que utilizo para tanto, fica mais explícito como o processo da escrita é marcado pela liberdade que envolve a relação entre minha existência e a linguagem: é como se o escritor transita-se de uma maneira mais consciente sobre sua condição na linguagem, mantendo-se mais atento para aquilo que ele desvela e os sentidos visados pelo texto.

Além disso, Sartre nos mostra que o exercício da escrita sempre se direcionam para alguém; e não podia ser diferente, uma vez que somos *ser-com-outro*. Não importa se esse leitor existe ou não, se é alguém próximo ou não, se é uma pessoa específica ou um determinado coletivo; se sou eu agora ou no futuro: aquilo que colocamos no papel anseia por ser desvelado pela liberdade de um leitor.

Utilizamos determinadas palavras, pensamos na melhor forma de escrever aquilo que queremos expressar, imaginamos a recepção daquele texto por parte do leitor. Não necessariamente esse leitor vai mesmo ler o texto (pode ser que ele nem exista), todavia ele representa uma visada por aquilo que foi escrito, pela construção poética que não deixa de ser o *cuidado* do escritor com seu próprio ser colocado em palavras, pontuações, silêncios e um todo significativo.

Por conta disso, a leitura não deixa de ser algo completamente angustiante: angustiante porque cabe a nós a responsabilidade pelo modo de expressar aquilo que queremos; angustiante por se tratar de um ato de completa confiança e reconhecimento da liberdade do outro para desvelar o texto e compreender aquilo que é expressado; angustiante por não se saber nem ao menos se o leitor existe; angustiante por expressar o seu ser e “entregá-lo” à liberdade do outro... Mesmo tratando-se de uma angústia ontológica, o processo da escrita à coloca escancarada em nossa cara.

É essa sensação de completa liberdade e desalento que a escrita me desperta (principalmente quando tratava-se dos meus primeiros textos que seriam discutidos): sentia que podia fazer o que quisesse, percorrer os caminhos que me parecessem mais propícios, retorna-los caso acreditasse que podia tomar outra rota; mas, ao mesmo tempo, por mais que isso também se dê por uma autocrítica gigantesca, sentia uma enorme insegurança de não ser compreendido sobre aquilo que buscava expressar ou por escrever um texto que não fosse considerado “bom”.

Nessa perspectiva, quando temos em mente uma prática terapêutica que concebe o ser-humano em sua condição de narrativa, podemos compreender a escrita

não apenas como uma forma de expressão e captação dessa narrativa que se é, como se fosse uma fotografia que guardasse um momento para a eternidade.

A escrita é mais: ela compõe a narrativa, evidenciando a singularidade do “como” é narrada aquela experiência única, que é continuamente desdobrado no processo de colocar as palavras no papel. Ela não “guarda” um momento da vida de uma pessoa, compondo esse vir a ser constante que é a experiência humana.

Em outras palavras, o texto é o escritor em sua condição existencial de palavra escrita, silêncio, gestualidade e possibilidade; sendo que ele trata do próprio ser ao tratar dos signos e dos significados ali presentes.

Tratando-se de uma prática que coloca em evidência o cuidado (*Sorge*) do escritor para com o seu próprio ser, com os outros e com aquilo que se desvela diante da nossa abertura originária, a escrita carrega em si um potencial terapêutico único, que, conforme foi colocado nos parágrafos anteriores, ao mesmo tempo em que se assemelha, difere da linguagem falada.

Tal potencialidade remete a suas características de nos colocar em contato direto, e mais explícito, com aquilo que fundamenta e expressa nosso ser; isto é, a linguagem. Quando deparamo-nos com tal, nos defrontamos com a abertura, marcada pela liberdade, que somos; nos recordamos daquele nosso antigo e mais originário modo de sentir, permitindo que nos dediquemos aos múltiplos sentidos que nos convocam e o desvelamento, via *Poiésis*, de nossas próprias verdades baseadas em diferentes significações daquilo que experienciamos.

A linguagem escrita é uma possibilidade em que em que se compreende e desvela o ser; que cria e ressignifica o mundo; que evidencia nossa liberdade e engajamento em relação ao texto. Portanto podemos falar de um cuidado por via da escrita e sua importância em um processo terapêutico que busca pela verdade libertadora da narrativa que cada um é. Isso é, escrevemos para continuar escrevendo, implicando toda a liberdade e *cuidado* com o ser que está inclusa no ato de colocar as palavras no papel.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi discutido ao longo do presente trabalho, foi possível abordar o fenômeno da linguagem escrita à luz do pensamento fenomenológico-existencial na pretensão de relacionar e compreender suas potencialidades e possibilidades de aplicação em uma prática de cuidado terapêutico que tome o ser-humano em sua condição de narrativa e cura (*Sorge*).

Não me detive apenas aos estudos e publicações que já abordaram o uso da escrita na prática terapêutica, mas também discorri sobre a fundamentação da escrita em sua condição como linguagem, mantendo um constante movimento de aproximação e diferenciação entre linguagem escrita e linguagem falada. Quanto a isso, foi importante mantermos considerações quanto ao engajamento da linguagem escrita, assim como seu modo peculiar de fundamentar o ser e evidenciar a constituição ontológica do ser-humano, especialmente sobre nossa condição existencial de *ser-no-mundo-com-outros*.

Não cabe aqui colocar conclusões ou definições sobre a possibilidade de *cura* a partir da escrita, pois isso seria um tanto quanto contraditório em relação à compreensão fenomenológica desse fenômeno. Mas vale refletir sobre novos caminhos que podem ser traçados a partir dos questionamentos e reflexões que levantei ao longo do texto.

Antes de mais nada, é importante colocar que, por mais que as práticas e saberes psicológicos no Brasil se encontrem em constante processo de transformação e reflexão sobre seus locais e modos de atuação, ainda há um longo percurso para uma “deselitização” dessas práticas, especialmente sobre aquilo que toca atuação da psicóloga clínica.

O presente recorte quanto às práticas de escrita em psicoterapia devem tomar um posicionamento crítico e auto reflexivo quanto a tais propostas, já que a taxa de analfabetismo no Brasil ainda é grande, e é pequena a porcentagem da população brasileira que tem acesso às práticas descritas no primeiro capítulo.

É por conta disso que temos de pensar a prática e as modalidades da escrita de uma maneira crítica e ampliada, a fim de conceber propostas que se adequem a realidade e as condições de vida da população brasileira. Em outras palavras, temos de reconhecer as expressões e formas de escrita em sua diversidade (gênero literário,

veículos de escrita, ...) e contextualização social e histórica, assim como as demandas por diferentes formas de cuidado em seus determinados contextos.

Tomo como exemplo dessa noção mais ampla de escrita e cuidado a importância e os desdobramentos que linguagem escrita poética tem na vida da juventude periférica, como é o caso do *Slam*<sup>45</sup> e outras formas de “poesia marginal”. Uma prática psicológica crítica e engajada, que busque a expansão e “deselitização” deste saber deve, no mínimo, legitimar e potencializar estas formas de expressão, considerando-as em suas potencialidades e forma de resistência da juventude periférica<sup>46</sup>.

Outro ponto que levo em consideração é a escassez de literatura que aborde o tema do potencial de cuidado terapêutico da escrita à luz da compreensão fenomenológica-existencial.

Há trabalhos que abordam a questão da leitura a seu potencial terapêutico a partir da abordagem em questão, como é o caso do mestrado de Logatti, “A leitura no encontro: a dinâmica do Laboratório de Humanidades (LabHum) como meio de intervenção em um grupo psicoterapêutico” (2010), mas quase nenhum especificamente sobre a escrita.

em consideração em relação ao presente trabalho é sua natureza teórica, levantando uma reflexão e discussão teórica que pode contribuir para futuras pesquisas sendo

Por conta disso, compreendo a importância de trabalhos que, aproveitando-se das discussões teóricas e questionamentos levantados no presente estudo a respeito da fundamentação e possibilidade de uso da escrita na terapia, descrevam outras experiências terapêuticas que tomem a escrita a partir de autores que partam da tradição fenomenológica-existencial. Ampliando essa discussão para outros espaços e perspectivas sobre a escrita

O mesmo vale para estudos teóricos que abordem a potencialidade da escrita a partir de ângulos e perspectivas diferentes daquela que foi empreendida nesse trabalho, como, por exemplo, a questão da angústia, as novas modalidades e relações

---

<sup>45</sup> “[...] movimento fundado nos Estados Unidos, na década de 80, e que chegou ao Brasil em 2008. O Slam consiste em um evento competitivo de poesia falada, cujo júri é a própria platéia. Os poemas devem ser de autoria própria, apresentados em até três minutos, sem acompanhamento musical.” (LICHTSZTEJN, 2017, p. 31).

<sup>46</sup> Recomendo o trabalho de Lichtsztejn, “Poesia marginal como forma de resistência: uma compreensão fenomenológica-existencial do genocídio da juventude periférica” (2017), para mais informações sobre o tema.

com a escrita a partir dos meios eletrônicos de comunicação, ou como podemos pensar o potencial terapêutico da escrita em relação às chamadas “patologias contemporâneas”.

Por fim, convoco o leitor à, além de refletir sobre a escrita, experimentar colocar-se a escrever. Não com uma finalidade ou objetivo, mas escrevendo para cuidar-se, para encontrar-se na linguagem e habitá-la silenciosamente, mas, acima de tudo, escrever para se escrever.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Denise Borille de. Fronteiras de identidades: a escrita do eu em o Diário de Anne Frank. **Anuari de filologia. Literatures contemporànies**, n. 6, p. 63-70, 2016. Disponível em: <<http://revistes.ub.edu/index.php/AFLC/article/view/AFLC2016.6.7>>. Acesso em: 25 out. 2018.

AGUSTINI, Carmen Lúcia Hernandez; GRIGOLETTO, Evandra. Escrita, alteridade e autoria em análise do discurso. **matraga**, rio de janeiro, v. 15, n. 22, p.145-156, jan./jun. 2008. Disponível em:<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27912/19984>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

BAIKIE, Karen A., WILHELM, Kay. Emotional and physical health benefits of expressive writing. **Advances in Psychiatric Treatment.**, vol. 11 (5), p. 338-346., 2005 Disponível em: <[https://www-cambridge.ez95.periodicos.capes.gov.br/core/services/aop-cambridge-core/content/view/ED2976A61F5DE56B46F07A1CE9EA9F9F/S1355514600002479a.pdf/emotional\\_and\\_physical\\_health\\_benefits\\_of\\_expressive\\_writing.pdf](https://www-cambridge.ez95.periodicos.capes.gov.br/core/services/aop-cambridge-core/content/view/ED2976A61F5DE56B46F07A1CE9EA9F9F/S1355514600002479a.pdf/emotional_and_physical_health_benefits_of_expressive_writing.pdf)>. Acesso em: 29 de abr. de 2019.

BARROS, L.F. **Anjo carteiro**: a correspondência da psicose. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996. (Série Diversos).

BARROS, Renata Chrystina Bianchi de. **A gagueira e sua terapêutica**: estudo discursivo da escrita como possibilidade de recurso terapêutico. 2004. 87f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270719>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

BARTHO, Viviane Dinês; UYENO, Elzira Yoko. Escrita de diários e seu potencial terapêutico em adolescentes judicialmente acolhidos. **Raído**, Dourados, v. 9, n. 19, p. 43-62, dez. 2015. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/4662>>. Acesso em: 05 set. 2018.

BENJAMIN, Walter. O Narrador - Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_ (1892-1940). **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin- 8ª ed. revista - São Paulo: Brasiliense, 2012 - (Obras Escolhidas v. 1). p. 213-240.

BIALER, Marina. A escrita terapêutica no autismo. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 221-233, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142015000200221&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142015000200221&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 jan. 2019.

BIRGER SELLIN. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Birger\\_Sellin](https://en.wikipedia.org/wiki/Birger_Sellin)>. Acesso em: 29 abr. 2019.

BOSS, M. Encontro com Medard Boss. **Daseinsanalyse - Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**. São Paulo, v. 1, p. 5-21, 1974a.

BOSS, M. Freud e o método do pensamento científico. **Hexágono 'Roche'**, v. 1, n.1, p. 1-13, 1974b.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Merleau-Ponty**: uma introdução. 2 ed. São Paulo: EDUC, 2011. (Série Trilhas).

CASANOVA, Marcos Antonio. **Compreender Heidegger**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CHAUÍ, Marilena de Souza (consultoria). Vida e Obra de Merleau-Ponty (1908-1961). in: Maurice Merleau-Ponty, 1908-1961. Textos escolhidos / Maurice Merleau-Ponty; seleção de textos de Marilena de Souza Chauí; traduções e notas de Marilena de Souza Chauí ... (et al.). – São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores). p. VI-XIV.

CRITELLI, Dulce Mara. **Analítica do Sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC; Brasiliense, 1996.

DUARTE, André. Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 129-158, jun. 2005. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302005000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302005000200004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 22 nov. 2018.

EFKEN, Karl Heinz; SILVA, Márcio José da. A essência da linguagem em Heidegger. **Ágora Filosófica**, v. 1, n. 2, p. 235-258, 2014. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/541/443>>. Acesso em: 19 set. 2018.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. A clínica Daseinsanalítica: considerações preliminares. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 30-36, jun. 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672011000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 14 abr. 2019.

FIGUEIRAS, Maria João; MARCELINO, Dália. Escrita terapêutica em contexto de saúde: Uma breve revisão. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 26, n. 2, p. 327-334, abr. 2008. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312008000200012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312008000200012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 mai. 2019.

FONSECA, João José Saraiva da. Modalidades de Pesquisa. In: \_\_\_\_\_ . **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Disponível em: <<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2018.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. in: \_\_\_\_\_. **O que é um autor?** 4 ed. Lisboa: Vega/ Passagens, 2002. p. 129-160.

FREITAS, Danielle Pisani. Daseinsanalyse e Liberdade. **Daseinsanalyse - Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**. São Paulo v. 15 e 16, p. 56-84, 2011.

FREUD, Sigmund. Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910 [1909]). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

GRIGOLETTO, Evandra; SCHONS, Carme Regina. Escrita de si, memória e alteridade: uma análise em contraponto. In: 1ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso, 2008, Maringá. **Anais [...]** JIED. Jornada Internacional de Estudos do Discurso. Maringá, 2008. p. 407-418. Disponível em: <<http://www.dle.uem.br/jied/pdf/ESCRITA%20DE%20SI%20schons%20e%20grigoletto.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2018.

GUAL, Montserrat Escartín. Carmen Martín Gaité: la escritura terapéutica. **Revista de Literatura**, Madrid, vol. LXXVI, n. 152, p. 575-603, dec. 2014. Disponível em: <<http://revistadeliteratura.revistas.csic.es/index.php/revistadeliteratura/article/view/349/364>>. Acesso em: 03 mai. 2019.

GUIMARÃES, Carlos Roberto. A morada do ser: uma reflexão acerca da essência da linguagem a partir do pensamento de Heidegger. **Aufklärung: revista de filosofia**, v. 4, p. 23-30, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/arf/article/view/35896/pdf>>. Acesso em: 20 set. 2018.

GUIMARÃES, Frederico Moreira. **Literatura e engajamento em Sartre**: um estudo de *Que é a Literatura?* 2010. 106 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

HEIDEGGER, Martin. A linguagem. In: \_\_\_\_\_. **A caminho da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003a. p. 7-26.

\_\_\_\_\_. A essência da linguagem. 2003b. In: \_\_\_\_\_. **A caminho da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003b. p.121-171.

\_\_\_\_\_. (1889-1976). **Seminários de Zollikon** - ed. Medard Boss; trads. Gabriella Arnhold, Maria de Fátima de Almeida Prado. - São Paulo: EDUC; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. trads. revisada e apresentação Marcia Sá Calvacante; posfácio Emmanuel Carneiro Leão. 10 ed. rev. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2018.

LÁZARO, Débora. **O corvo e a escrivanhinha**: ensaios. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

LES TEMPS MODERNES. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Les\\_Temps\\_modernes&oldid=54984635](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Les_Temps_modernes&oldid=54984635)>. Acesso em: 29 abr. 2019.

LICHTSZTEJN, Mariana Campos. **Poesia marginal como forma de resistência**: uma compreensão fenomenológica-existencial do genocídio da juventude periférica; 2017. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

LOGATTI, Maria Silvia Motta. **A leitura no encontro**: a dinâmica do Laboratório de Humanidades (LabHum) como meio de intervenção em um grupo psicoterapêutico; 2010. 99 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

MARCELLO, Guilherme Conti. **Da cura (sorge) à cura** [online]. jan. 2010. disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/soapbox/article.php?articleID=605>>. Acesso em: 01 mai. 2019.

MELÃO, Mariana Soares. A escrita e a constituição do sujeito: um caso de autismo. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 94-117, dez. 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282008000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282008000200007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 25 abr. 2019.

MELO, Fabíola Freire Saraiva de. **Cartas**: uma possibilidade para o ensino do pensamento fenomenológico. 2008, 274 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. A linguagem indireta e as vozes do silêncio. In: \_\_\_\_\_ . **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991a. p.39-88.

\_\_\_\_\_. Sobre a fenomenologia da linguagem. In: \_\_\_\_\_ . **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991b. p.89-104.

\_\_\_\_\_. A ciência e a experiência da expressão. In: \_\_\_\_\_ . **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p.29-70.

NILES, Andrea N. et al. Randomized controlled trial of expressive writing for psychological and physical health: the moderating role of emotional expressivity. **Anxiety Stress Coping**, v. 27, n. 1, p. 1–17, 2014. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10615806.2013.802308>>. Acesso em: 03 mai. 2018.

NUNES, Benedito. Physis, Natura - Heidegger e Merleau-Ponty. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 271-287, dez. 2004. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302004000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302004000200004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 22 nov. 2018.

PAIVA, Ludoana Pousa Corrêa de; RASERA, Emerson Fernando. O uso das cartas terapêuticas na prática clínica. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p.193-207, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652012000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652012000100013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 out. 2018.

PALOMBINI, Analice de Lima et al. Cuidando do cuidador: da demanda de escuta a uma escrita de si. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 253-264, jun. 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142010000200007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142010000200007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 02 set. 2018.

PITTA, Maurício Fernando. Humboldt e Heidegger sobre linguagem: expressão do espírito ou morada do ser? **Filogênese**, Marília, v. 7, p. 108-120, 2014. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/10\\_mauriciopitta.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/10_mauriciopitta.pdf). Acesso em: 10 nov. 2018.

PENNEBAKER, James W. Theories, therapies, and taxpayers: on the complexities of expressive writing paradigm. **Clinical Psychology: Science and Practice**, vol. 11(2), p.138-142, 2004. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/243785750\\_Writing\\_About\\_Emotional\\_Experiences\\_as\\_a\\_Therapeutic\\_Process](https://www.researchgate.net/publication/243785750_Writing_About_Emotional_Experiences_as_a_Therapeutic_Process)>. Acesso em: 01 mai. 2018.

\_\_\_\_\_. Writing about emotional experiences as a therapeutic process. **Psychological Science**. Vol. 8, No. 3, pp. 162-166, may 1997. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9280.1997.tb00403.x#articleCitationDownloadContainer>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

\_\_\_\_\_; BEALL, Sandra Klihr. Confronting a traumatic event: Toward an understanding of inhibition and disease. **Journal of Abnormal Psychology**, Vol. 95, p.274-281, 1986. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/19415586\\_Confronting\\_a\\_Traumatic\\_Event\\_Toward\\_an\\_Understanding\\_of\\_Inhibition\\_and\\_Disease](https://www.researchgate.net/publication/19415586_Confronting_a_Traumatic_Event_Toward_an_Understanding_of_Inhibition_and_Disease)>. Acesso em: 08 mai. 2019.

PINTO, Angélica Lino; NAVES, Emilse Terezinha. A escrita de si: um estudo psicanalítico sobre a clínica da psicose. **Perspectivas em Psicologia**, Goiás, v. 18, n. 1, p. 3-25, jan./jul. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/28907/16059>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

POMPÉIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. **Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas**. - 2 Ed. São Paulo: EDUC; ABD, 2014.

PRADO, Rafael Auler de Almeida et al. Linguagem poética e clínica fenomenológica existencial: aproximações a partir de Gaston Bachelard. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 216-223, dez. 2012. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672012000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 02 mai. 2019.

SANTOS, Danielle de Gois; SÁ, Roberto Novaes de. A existência como "cuidado": elaborações fenomenológicas sobre a psicoterapia na contemporaneidade. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 53-59, jul. 2013. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672013000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 14 abr. 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SODELLI, Marcelo; SODELLI-TEODORO, Alessandra. Visitando os "seminários de zollikon": novos fundamentos para a psicoterapia fenomenológica. **Psicologia Revista**. São Paulo, v. 20, n. 02, 2011, p. 245-272. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/10343/7722>>. Acesso em: 30 abr. 2019.